LUTEMOS PELO QUE NOS FALTA *mas...* SALVEMOS O QUE NOS RESTA!

...pois, sem dúvida, importa fomentar a Economia, e o mais de carácter imperativamente utilitário, em terras alavarienses — terras desprzadas por quem, de cima, finge ignorar que o Distrito de Aveiro, sendo já dos que mais se esportulam para o Erário Público, poderia, dadas as suas amplas potencialidades, multiplicar tal contributo, se devidamente incrementado... de cima; mas importa também evitar a degradação (e isso compete essencialmente aos de cá...) dos seus valores estéticos, históricos e culturais — como na semana transacta aqui acentuámos. Hoje, damos à estampa os três anunciados escritos sobre tão importante temática — agora restrita à Cidade. E continuaremos — possivelmente focando o mesmo tema para além dos parâmetros citadinos.

AVEIRO, 27 DE OUTUBRO DE 1978 — ANO XXV — N.º 1221

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Uma débil voz secunda o coro a favor do PATRIMÓNIO LOCAL

EDUARDO CERQUEIRA

PONDERADAMENTE aferidas as determinantes topográficas e pessoais, eu, verdadeiramente haveria de ser considerado irridento de qualquer das paróquias desta minha terra, onde tive o privilégio de nascer. E a quem supuser o termo privilégio aqui aplicado ditirambicamente exagerado, pode crer que rotundamente se engana. E ele, que não eu — que nesta matéria, ou melhor, neste sentimento, eu sei, de ciência certa, incontrovertível.

Aliás, tive a sorte, nesta mesma minha terra, cujas peculiaridades caracterizadoras e vinculadoras se têm vindo a diluir na uniformização universalizadora, de residir e ter residido, uma vida, quase inteira, que, embora longe das raias da gerontologia já não se situa a nível inferior das médias de longevidade.

Digo a «sorte», porque reiteradamente tenho sustentado — num pseudo-tom ameno de blague, aparente-

Continua na página 3

ABSTENÇÃO

MIGUEL CARVALHO

«Era preciso — já! — que cada cidadão se dispusesse a esquecer a triste experiência democrática até agora sofrida e a participar de modo efectivo (nos partidos, nos sindicatos, nas associações culturais, nos movimentos de opinião) na renovação da vida política nacional». — Figueiredo Dias — Expresso 309 - 30/9/78.

Para a irredutibilidade mental dos nossos «chefes» há, ao que parece, um aforismo simples e terrível: agiganta-se a descrença popular no regime.

Sintoma tanto mais preocupante quanto se não trata de um qualquer regime confiante e auto-suficiente, de pureza ideológica intocável, mas daquele mesmo outro que, por «definição», se funda e fundamenta na participação do maior número, na existência de cada indivíduo como como valor universal, e no apura-

Continua na página 6

A Câmara e os NOSSOS VALORES ARQUITECTÓNICOS

AMARO NEVES

AVEIRO não é, infelizmente, no seu aspecto externo uma cidade monumental, onde os vestígios arquitectónicos do seu passado — marcos resultantes do seu crescimento — se imponham pela grandeza, raridade estética ou elevado número. Tudo nos aparece diluido no casario, como que num misto de neblina, sal e ria. Alguns desses marcos, mais parece que chegaram até nós por mero acaso e outros desapareceram já em nossos dias, perante a nossa passividade ou impotência, muitas vezes com o apoio das entidades oficiais, sob a falsa capa do crescimento urbano, da falta de espaço, da nova moda, etc., etc. Não admira!

Os condicionalismos do país não permitiram ainda que os responsáveis governamentais lançassem de vez uma séria campanha de consciencialização das populações para a necessidade e o dever de salvaguardar o seu património cultural. Por outro lado, a crónica falta de meios técnicos e económicos, a inexistência de legislação adequada, a burocratização e a falta de cooperação entre os diversos organismos responsáveis são, entre outras, causas de perdas irreparáveis no património cultural do país. A própria escola, sensível a todas as transformações políticas e sociais, não encontrou, até agora, o rumo certo e não está ainda sensibilizada para estes problemas. Os museus terão de ser repensados, fundamentalmente na sua acção pedagógica. E as associações culturais não poderão nunca fechar-se ao círculo restrito dos sócios.

Nessa altura, todos — porque a todos diz respeito a memória dos nossos antepassados — saberemos, então, o que deve ser preservado para os nossos filhos, como herança. Depois... eles nos julgarão!

Enquanto isto não for possível,

Continua na página 6

a CAPELA *do* SENHOR *das* BARROCAS *não merece mais?*

HONORINDA CERVEIRA

RESIDO nesta «tristemente linda» cidade da Ria há quatro anos. E não creio que alguém, mais do que eu, e neste espaço de tempo, tenha calcorreado tantas ruas e ruelas à procura do belo, do artístico e do poético. Porque, se Aveiro não possui monumentalidade, não deixa de ter os seus motivos de interesse ligados à história da sua comunidade, e que, muitas vezes, passam despercebidos à maioria dos seus cidadãos. Não a mim; se dobrei o Bojador — geográfico e histórico — e me vim fixar neste Alavário milenar, não foi para cerrar os olhos e a atenção a quanto me rodeia. Por isso tenho corrido ruas e vielas, e deixado que os olhos se prendam aqui e além — seja em portal de casa antiga, em pedras de armas em esquinas solitárias, ou num pequeno chafariz de bacia em concha, ali para os lados da Senhora da Alegria.

Falem-me, pois, em Santiago ou no Cais dos Botirões, e eu lá irei — a pé, já se vê, que não é de automóvel que se conhece uma cidade naquilo que importa descobrir; apontem-me algo digno de visita e es-

Continua na página 3

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XXVIII Chegou-me às mãos, por amabilidade do meu velho amigo Severiano Ferreira das Neves, o Relatório da Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas (vulgo Monte-Pio) referente ao ano de 1933, elaborado pela direcção presidida por Francisco António Meireles.

Ao lê-lo, encontrei dados que reputo de muito interessantes, se os compararmos com a vida acual; e, não só isso, mas, também, por eles se verifica a maneira de ser daquele cidadão, que tinha a coragem de chamar «às coisas pelo seu nome próprio», sem se importar de saber se, com a sua atitude, iria, ou não, criar inimigos ou incitar contra si más-vontades; e, por isso, o alcunhavam de rezingão.

Foi seu companheiro de Direcção o meu saudoso amigo José Marques Sobreiro, com feitio muito se-

Continua na página 3

CRÓNICA AVULSA

A bomba de neutrões e... outras bombas

VASCO DE LEMOS MOURISCA

O meu dilecto amigo Dr. Alberto Barbosa, douto Advogado em Oliveira de Azeméis, fez, com sua Família, nas últimas férias grandes, um largo passeio pela Costa Brava, Mónaco, Côte d'Azur e norte de Itália. Visitou Génova, Pisa, Florença, Assis, Veneza e mais uma série de pontos célebres, que me referiu, mas eu não retive.

Vinha encantado, tanto com a simpatia dos italianos, sempre prontos a fazer por compreender os estrangeiros — com certeza que o nosso douto Colega Dr. Manuel Ho-

Continua na página 3

O conjunto arquitectónico farnciscano — igreja de Santo António, a hoje geminada igreja de S. Francisco e o pequeno claustro anexo àquela — tem arte e tem história: arte (magnífica talha, óptimo arcaz e estimáveis pinturas numa das sacristias, dois apreciáveis retábulos, um em cada templo, belas imagens — algumas de que foi autor o frade, que ali viveu, Cipriano da Barca —, pintura ornamental, a fresco, na igreja dos Terceiros); história, pois no Convento — fundado em 1524 — estiveram, e dele sairam, notáveis personalidades, a ele está ligado o nome de Brás Luís de Abreu (o famoso «Olho de Vidro»), foi lá a primeira escola pública aveirense. A igreja de S. Francisco transformou-se em «crónica» casa mortuária; o claustro passou à fruição, primeiro de um quartel militar, depois... de quem, a seu belo talante, tem resolvido ocupar aqueles espaços. Lá se pratica o culto, é certo, mas reduzido culto. No mais, por ali, anda tudo «à balda»!...

O NOSSO PORTO

Segundo ultimamente tem sido noticiado na Imprensa diária, o Banco Europeu de Investimentos financiará, com largas somas, diversos sectores ligados à economia nacional; e, entre eles, as obras do porto de Aveiro — para estas, num primeiro investimento, com meio milhão de contos.

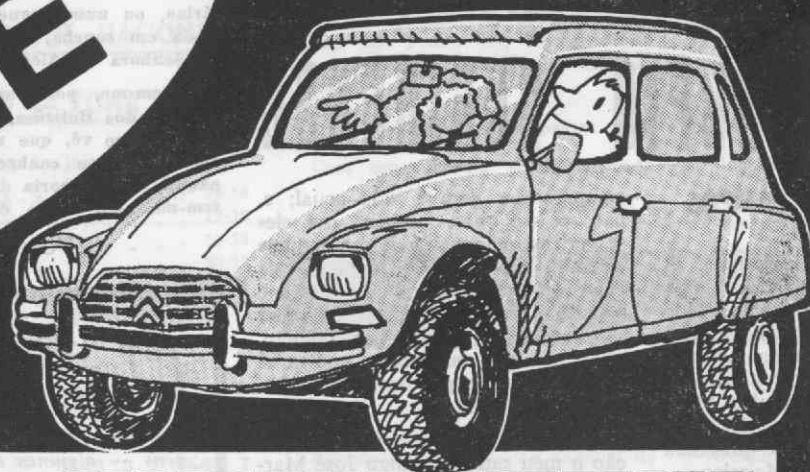
Esperamos, confiadamente, que, desta feita, tão auspiciosa notícia venha a concretizar-se — o que será um desejável impulso para o incremento económico, não só local, mas nacional.

Participação dos B. D. A. *no* CONGRESSO *dos* BOMBEIROS PORTUGUESES

LÚCIO LEMOS

ALGUÉM poderia acusar-nos de bairrismo (aliás, só pelo coração e por uma prolongada radicação em terras aveirenses nos jungimos ao seu povo, pois nascemos em Coimbra, com o que muito nos honramos) ao afirmarmos, sem reticências, que o Distrito de Aveiro foi, entre os demais, aquele que deu o decisivo impulso para uma sólida e válida estruturação dos Bombeiros de Portugal: é que ninguém negará que foram as mais de duas dezenas das corporações deste vasto e populoso rectângulo distrital (todas de Voluntários, mesmo as de Privativos) que primeiro se aglutinaram, com estatutos próprios, abrindo o caminho e inspirando os normas pa-

Continua na página 3

DIZEM POR AÍ
QUE QUASE NÃO PRECISO DE GASOLINA...
E QUE QUASE NÃO PRECISO DE OFICINA...
DIZEM POR AÍ
QUE SOU A MAIS ECONÓMICA...
A MAIS GIRA...
A MAIS SIMPÁTICA...
DIZEM POR AÍ
QUE FICO BEM DESCAPOTADA...
DE FACTO, RECONHEÇO:
SOU UM BOM PARTIDO!
CHAMO-ME
CITROËN DYANE
VENHA EXPERIMENTAR-ME!
SEM SE COMPROMETER...
PODEMOS IR DAR UMA VOLTINHA...
E ATÉ PODE SER QUE FIQUE CONSIGO PARA TODA A VIDA... NÃO SEJA TÍMIDO...
Recorte, preencha e envie, colado num postal, para o seu Agente Citroën.
GARAGEM ATLANTIC
AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS DE AVEIRO, L.DA
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 203 — Telef. 22472 — Aveiro
☐ Gostaria de receber informações mais detalhadas.
☐ Gostaria de experimentar um Citroën Dyane.
NOME
MORADA
TELEFONE

A Capela do Senhor das Barrocas

Continuação da 1.ª página

tudo, que eu prometo lá estar para ver e tomar nota daquilo que for necessário.

Foi este o motivo que me trouxe pela primeira vez a estas páginas, há um ano, em defesa de uma relíquia do século XVI, única recordação que Aveiro guarda do seu primeiro duque: — a Fonte de Benespera, no topónimo da época; a Fonte dos Amores do princípio deste século e até há bem pouco tempo. Hoje não vale a pena procurá-la; será a Fonte do abandono e do entulho, ali na Rua Mário Sacramento... A mim, Aveirenses, dói-me o coração quando lá passo; e quereis saber qual a minha reacção imediata?... Viro a cara para o lado e respiro fundo. Só espero que, do seu túmulo, D. João de Lencastre me perdoe a minha inépcia na tentativa que fiz para um alerta e uma chamada de consciência colectiva e, principalmente, camarária — e sem qualquer resultado positivo até este momento!...

Para mal dos meus pecados — e a avaliar pela expiação muitos devem ser!... — acabo de deixar a Capela do Senhor das Barrocas, lá para os lados da passagem de nível de Esgueira, um pouco acima da Senhora da Alegria. Aberta ao público apenas de quatro em quatro anos, para uns dias de festejos populares em redor da sua fábrica, e aos domingos para o culto religioso, todas as minhas tentativas para uma visita ao seu interior resultaram inúteis neste quadriénio. Hoje, finalmente, consegui franquear um dos seus belos portais e entrar. Descrever o que senti nesse primeiro contacto seria impossívl; já sabia, por leituras feitas anteriormente, que a Capela do Senhor das Barrocas «é um dos monumentos mais interessantes de Aveiro e o seu mais agradável e coerente exemplar de arquitectura». Disse-o o Dr. Carlos dos Passos; frases deste teor encontram-se em livros e brochuras de vários especialistas da matéria, na frialdade das suas palavras técnicas e desprovidas de emoção. Porque emoção, e vivíssima, senti eu ao penetrar no pequeno recinto poligonal que forma a nave do templo, e ao ver-me inundada numa apoteóse de brancura e claridade proveniente das paredes caiadas, da abóbada elegante e sóbria, do próprio pavimento de pedra branca.

Transcrevo de «Arte Monumental Portuguesa», de Correia de Azevedo, os períodos seguintes: «Tem como planta um octógono acrescido do rectângulo da capela-mor. E a sua arquitectura é de tipo clássico, nele se registando, porém, duas singularidades: a do barroco do campanário e a das decorações bastante aparatosas dos três portais, que se opõem à fria correcção arquitectural (maior no exterior que no interior). Dieulafoy classificou-a de transição neo--manuelina, muito elegante cópia dos baptistérios de Pisa e Florença. Esta influência tem sido muito contestada. Segundo parece foi autor da capela do Senhor das Barrocas João Pedro, filho do arquitecto João Frederico Ludovice, que tem o seu nome ligado ao convento de Mafra, e como o pai um artista de expressão livre e formas originais.»

O Dr. Vergílio Correia integra este pequeno templo no ciclo mafrense, o que significa atribuí-lo ao risco de Ludovice. Já a ornamentação dos portais leva-o a supor ser da autoria de Laprade, que estivera em Coimbra em 1707, (data do início da construção do Senhor das Barrocas), e que também trabalhou na Vista Alegre, no túmulo do Bispo D. Manuel de Moura Manuel — que fora Reitor da Universidade de Coimbra. Laprade foi também o autor de algumas das imagens do retábulo da Sé do Porto, e é curioso notar a semelhança da talha dourada da capela aveirense com o retábulo da sé portuense, segundo o parecer de Alberto Souto. São deste ilustre investigador as frases que se seguem: «Comparando as sobreportas ornamentadas da Capela das Barrocas com as dos Gerais de Coimbra faz-se luz no nosso espírito e o escultor francês surge como sendo o modelador dos portais das Barrocas. Isto permite supor que o monumento seja produto da colaboração de um arquitecto clássico e rígido e do escultor e decorador fantasista e imaginoso que foi Laprade». Assim, Ludovice teria projectado o edifício «na forma clássica dos templos poligonais»; Laprade «amenizaria a nudez da forma arquitectónica enriquecendo-a com portas sumptuosas como a da Biblio-

Conclui na página 7

PATRIMÓNIO LOCAL

Continuação da 1.ª página

mente infirme, que ao cabo esconde uma profunda, medular, convicção sentimental efectiva, incompreensível para os que lhe são alheios e, assim, impenetráveis, mas certíssima como um dogma — ser Aveiro, verdadeiramente, a terra mais aliciadoramente habitável do orbe.

E não vem agora ao caso dizer o porquê desta estimação superlativa, já que mais não me interessa do que pôr em evidência a minha condição irridenta de habitante da urbe aveirense, regurgitante de seivas de desenvolvimnto físico, mas estacionária, lá para os lados onde me transplantei e firmei os meus «lares», há vários decénios.

Veracruziano nado na Rua de Domingos Carrancho — de seu nome oficial Domingos dos Santos Barbosa Maia, o presidente da Câmara profícuo que, além de outros meritórios serviços à sua e minha terra, iniciou, com dois lampeões de azeite, na vetusta e espessa Porta da Ribeira, a iluminação pública, e derramar luz numa terra de certo que corresponde a rasgar-lhe novos horizontes — sou, assim, de origem, dessa estirpe dos «cagaréus» propriamente ditos, da gema mais genuína. Um dia, porém, fixei-me, com fundações assentes no solo aluvionar aveirense do mais recente, e da intempérie ocasional e do alto grau higrométrico pertinaz protegendo-me, indispensavelmente «sub tegmine», telha marselhesa dos Campos — para firmado, ou reingressado para definitiva fixação no chão plaino e brando de Aveiro, ser coberto por produto de fabrico aveirense, com matéria-prima ela própria arrancada ao solo local argiloso, a que algum esporádico fóssil, de longe a longe, testifica a ancianidade. E com os «lares» definitivamente estabelecidos e devotadamente cultuados, ainda que nem sempre propiciadores, estanciei vitaliciamente no chamado «Cais do Paraíso».

Ora neste Cais do Paraíso — do nome eufórico, de aparente bom prenúncio, de que me cabe uma larga parcela de paraninfo —, um esteiro com água a fluir, ou em refluxo, da renovada ponte da Dobadoura separa a área insular em que poisei domiciliarmente, ou quando muito com aspectos peninsulares se aquela ponte é, como um istmo, do resto da urbe aveirense.

E, é talvez erroneamente, mais olhando a aparências que a realidades intrínsecas, me acudiu o termo «separa». Esqueci-me — e, assim, atraiçoei-me — de que nesta cidade anfíbia os veios da Ria, ao invés de dividirem, constituem o elemento fluído que penetra e envolve, e congrega, e identificadoramente irmana.

E, não obstante essas razões sentimentais invulneráveis, a velha Ribeira, que fugindo às degradações semânticas promovemos na nossa toponímia de exteriorizações revalorizativas a Canal Central, estabelece a raia natural e concretas das áreas administrativas das duas freguesias, de delimitação oitocentista, de Nossa Senhora da Glória e da Vera-Cruz.

Ora, por motivo similar, o canal que se dirige ao Lago do Paraíso — tão injustamente desaproveitado nos programas aveirenses de valorização — seguindo-se, como se deve na mesma cadeia de concludente lógica, torna essa pequena zona periférica, que tomou o nome a esse amplo e belo lençol de água inaproveitado, como uma espécie de «terra de ninguém».

A modos que, como sucede dos anjos, dos quais após longas e argutas controvérsias polemicantes, se não chegou a concluir definitivamente a que sexo pertencem, daquele Cais do Paraíso, extravasante do velho perímetro aveirense, a não ser na secura de uma geometrizante arrumação burocrática, não inteiramente satisfatória e persuasiva, continua a ignorar-se se, intrinsecamente, pelas coordenadas e barreiras consuetudinárias, e caracteriologicamente, deve arrumar-se da banda dos «ceboleiros» ou do lado dos «cagaréus», mas afins com a fluente água salgada da Ria.

* * *

Estas variações em cantochão lento e estirado vêm a propósito de poder recear que me acoimem de meter foice em seara alheia. E para demonstrar, com todas as provas reais que, na circunstância, me encontro ao jeito daquele inspirado rasgo chaplinesco, numa subtileza prática solucionando um problema jurídico, ao seguir ao longo da linha fronteiriça com o pé direito em certo país, e o esquerdo noutro.

Ora, conquanto eu me considere convicta e medularmente dentro do meu âmbito natal em todo o aro citadino — por mais que mo dilatem e distanciem das barreiras da minha já remota adolescência, em que descobri e calcurreei, vezes sem conta, toda a área aveirense e seu termo, e com eles íntima e pormenorizadamente me familiarizei — já que assentei meus arraiais domiciliares em ponto irridento, não desejaria que de todo me tomassem por invasor de prerrogativas alheias, intrometidamente imiscuído em assunto que excede os limites da minha regedoria.

Que, salvo no arrumo administrativo, aquela zona extrínseca à raia natural dos veios lagunares, não se sente sujeita à mais ou menos lata e austera autoridade de um regedor. Dispensa-o, na sua patrasanal e or-

Conclui na página 6

Participação dos B. D. A. no Congresso dos Bombeiros Portugueses

Continuação da 1.ª página

radigmáticas às Federações que hoje integram a Liga dos Bombeiros Portugueses. Ninguém o nega — pelo contrário: são estranhos ao Distrito aveirense quem, de há muito e repetidamente, o vêm afirmando; têm sido os órgãos da Comunicação Social (mais particularmente a Imprensa) a referi-lo rei[illegible]adamente; e, sobretudo, têm sido [illegible] concretos factos a demons[illegible]rá-lo, desde uma orgânica local que come[illegible] a processar-se anos antes do di[illegible]izante Congresso Nacional de 19[illegible] que teve por palco terras da Ria — sim, *dinamizante*, já que os ante[illegible]res foram quase só convívios, ainda que muito salutares e sempre agradáveis.

Queremos dizer, com estas iniciais palavras, que o sentido de unidade a superar o tradicional isolamento dos Bombeiros em cada um dos seus quartéis, partiu do Distrito de Aveiro; e isto o afirmamos para sublinhar que a divisa aqui adoptada — «Nós queremos ser um só para melhor servir a todos» — tem sido vivida, a partir do Congresso-70, nos subsequentes, designadamente, e com maior evidência, naquele que, de 3 a 8 do mês em curso, teve lugar no Estoril, e que nestas colunas foi oportunamente anunciado.

Ora aconteceu ali que a nossa Federação — os «Bombeiros do Distrito de Aveiro (B.D.A.)» — esteve largamente representada; mas — e o que é mais importante — no Congresso do Estoril, presidido pelo Dr. David Cristo (que, pela segunda vez, ali foi reeleito Presidente da Mesa dos Congressos dos Bombeiros Portugueses, assim caminhando para um sexénio naquele responsabilizante cargo), outros aveirenses do Distrito estiveram em evidência: quer pelas suas oportunas intervenções (designadamente do Eng.º Branco Lopes e dos Comandantes António Manuel Machado e Eng.º João Barrosa, este, além do mais, com a apresentação de uma valiosa tese em sessão técnica), quer pela concessão da mais alta benesse (o Crachá de Ouro) ao Comandante Amorim, da Arrifana, quer pelo apreço que a magna assembleia testemunhou aos B.D.A., elegendo, e mesmo reelegendo, para postos cimeiros dos Bombeiros de Portugal nada menos de quatro personalidades aveirenses: o já referido Dr. David Cristo, o também aqui já nomeado Eng.º Branco Lopes e o Comandante Alegria — e também o signatário destas linhas, que não pode furtar-se à imodéstia de avocar-se neste escrito, já que, como os demais, foi eleito democraticamente, o que sempre foi regra dos Bombeiros de Portugal.

Em próximo artigo daremos mais ampla — e *menos etnocentrista* — panorâmica desse importantíssimo encontro: o XXIII Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses.

LÚCIO LEMOS

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

melhante ao do Meireles, e que eu bem conheci por ter trabalhado com ele muitos anos, quer nos Bombeiros Velhos, quer no Recreio Artístico. Cargo para que tivesse sido eleito — e aceitasse — dele procurava desempenhar-se cabalmente, sacrificando, para tal, o seu tempo e, até, algumas vezes, o seu dinheiro.

Logo de entrada, afirma-se nesse Relatório: — «Ao tomarmos posse, vimo-nos desajudados de qualquer auxílio material. Não tínhamos Cartório, e parte dos livros de escrituração achavam-se fora da Secretaria. A escrituração e arquivo eram um labirinto. Tudo em desordem, tudo num verdadeiro cáos»!

E a seguir: — Há livros sem assinaturas: há uns poucos de anos sem Actas das Direcções e Conselho Fiscal; muitos anos sem *termos* de posse e *entregas* dos corpos gerentes; muitos outros sem contas do tesoureiro; e acha-se, finalmente, por escriturar, desde há longos anos, a conta corrente com os sócios».

E, ainda, mais: — «Uma nota típica que dá ideia do desleixo e da negligência. Desde 1916 que não se fazia uma revisão do *inventário do mobiliário existente*, no qual, além doutras, se nota a falta de *vinte cadeiras completas!* Nenhum fragmento das que desapareceram!».

Noutro capítulo, lê-se: — «Houve que exonerar o antigo cartorário. Não podia deixar de ser. Pode, para muitos que ignoram os factos e as circunstâncias que se deram, parecer um acto de violência da Direcção ou um propósito antecipado. Tal não sucedeu. O sr. Cartorário é que, com as suas atitudes, arrastou a Direcção para tal caminho».

E mais adiante: — «Pretendeu Sua Ex.ª pôr à prova a energia da Direcção. E a Direcção, sem hesitar e cônscia dos seus deveres e obrigações, deu-lhe essa prova».

Afirma-se, nesse Relatório, que a situação financeira que foi legada a esta Direcção não era das mais lisonjeiras, pois a despesa excedia, em alguns milhares de escudos, a receita, pelo que se revelou, desde logo, a existência de um «deficit» real, embora as contas viessem acusando saldos; e que, para se conseguirem esses saldos, recorreu-se à *confusão* dos cofres (havia o das Pensões — viúvas — e o da Inabilidade, além do do Fundo Disponível) e ao recurso às *dívidas passivas.*

Assim, a Direcção, para evitar o agravamento desta situação, viu-se forçada a tomar resoluções tendentes a comprimir as excessivas despesas, atacando, desassombradamente, o mal no seu ponto vulnerável, que era o do receituário dos clínicos estranhos à Associação pois, pelos arquivos, verificava-se que ele correspondia a 2/3 do total dispendido na assistência farmacêutica.

Foi enviada aos associados, em 21 de Março, uma circular, na qual a Direcção dizia estar colocada num dilema grave: «ou ter de entrar, abertamente, na prática dos déficits e das dívidas, ou o regimen de severas economias, tendo optado por estas, tanto mais que o balancete de Fevereiro já acusa, no cofre do Fundo Disponível, o deficit de 1 773 $50, proveniente da assistência farmacêutica — por bastantes vezes prestada a sócios em óptima situação económica —, o que constitui o grande *cancro* da Associação».

Na referida circular, também se diz que é em volta deste melindroso caso que tem de convergir toda a acção fiscalizadora das Direcções, e

Conclui na página 6

CRÓNICA AVULSA

Continuação da 1.ª página

mem Ferreira não é da mesma opinião, pois me contou, há anos, que os italianos não entendiam nem faziam por entender o que se lhes dizia —, como com a beleza e grandiosidade dos monumentos. E, pacifista como é, dizia-me revoltar-se à simples ideia de que uma guerra poderia destruir, um dia, aquelas maravilhas artísticas que ele tinha contemplado e me foi descrevendo, com a extraordinária capacidade de contar que possui e que prende o ouvinte a todas as suas palavras, qualquer que seja o assunto, com vincado encanto.

A concluir, dispara-me esta: «Depois das maravilhas que vi, sou, abertamente, a favor da Bomba de Neutrões».

Estupefacto, perguntei-lhe o motivo.

Respondeu-me que a bomba de neutrões, como toda a gente sabia, destruía as pessoas, mas deixava intactos os monumentos, edifícios, etc. E assim, pelo menos, ele sabia que aquela portentosa Arte, que tinha contemplado, ficaria, como documento imperecível, para os vindouros. E insistia: «Sou pela bomba de neutrões!»

Na minha viagem de regresso, vim a pensar nisto e a perguntar, aos meus botões: será que ele, amanhã, dentro de um desastre de viação, que, oxalá, não tenha, prefere partir uma perna, a destruir um guarda-lamas?...

Quanto às bombas, nem as de Santo António, de S. João e de S. Pedro me atraem!

As únicas bombas de que eu gosto são as de tirar água...

VASCO DE LEMOS MOURISCA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MOURA
Sábado	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
Segunda	ALA
Terça	AVEIRENSE
Quarta	AVENIDA
Quinta	SAÚDE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PLENÁRIO DISTRITAL DA TENDÊNCIA SINDICAL REFORMISTA SOCIAL-DEMOCRÁTICA

Da Comissão Dinamizadora Distrital do Encontro Nacional dos Trabalhadores Sociais-Democratas, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte

COMUNICADO

Realizar-se-á amanhã, 28, às 15 horas, na sede do P.S.D. em Albergaria-a-Velha, o Plenário Distrital da Tendência Sindical Reformista Social-Democrática, com a principal finalidade de eleger os representantes pelo Distrito de Aveiro ao Encontro Nacional, que se efectuará, no Porto, em 25 e 26 de Novembro próximo.

Aquele Plenário culminará um trabalho de dinamização a nível distrital, demonstrado na realização de reuniões informais em diversos concelhos promovidas pela Comissão Dinamizador Distrital, e é resultado da cada vez maior implantação dos sociais-democratas no mundo sindical.

a) — *Vítor Mendes*

Cerimónias de Finados

Pelo Comando da Região Militar do Centro foi-nos comunicado que, em 2 de Novembro próximo («Dia de Finados»), se realizam cerimónias a nível de Guarnição, delas constando: missa com honras militares; deposição de um ramo de flore em local que simbolize os militares mortos, sem excepção; e integração nas cerimónias dos toques de silêncio e de alvorada.

Agência de Aveiro da LIGA DOS COMBATENTES

CONVITE

Convidam-se todos os associados desta Liga dos Combatentes e a população em geral a tomar parte nas cerimónias de homenagem aos militares que repousam no Cemitério Sul desta cidade, bem como no Talhão dos Combatentes, a fim de, aqui, se depositar um ramo de flores.

A concentração far-se-á pelas 11 horas do dia 2 de Novembro próximo, junto à entrada do mesmo Cemitério.

A Comissão Directiva

CERCA DE 7.500 ALUNOS NO ENSINO SECUNDÁRIO

Como estava determinado, tanto o Liceu de José Estêvão como a Escola Secundária, a Escola Indusrtial e Comercial e as Escolas Preparatórias iniciaram os trabalhos escolares; não obstante uma ou outra lacuna, o seu funcionamento pode considerar-se regular.

No corrente ano lectivo é o seguinte o número de alunos: Liceu, 1.700; Escola Industrial e Comercial, 2.000; Escola Secundária, 1.200; Escolas Preparatórias, 1.400 (João Afonso de Aveiro) e 530 (Aires Barbosa).

Somando a estes números os alunos do Seminário de Santa Joana Princesa, do Colégio do Coração de Maria e do Externato de Fernão de Oliveira, os estudantes dos cursos secundários rondam o 7.500.

ABERTURA DAS AULAS NO SEMINÁRIO

Realizou-se no Seminário de Santa Joana Princesa, desta cidade, a sessão de abertura do novo ano lectivo; presidiu o Prelado da Diocese, D. Manuel de Almeida Trindade.

O Reitor, Padre Arménio Alves da Costa, proferiu algumas palavras de orientação para as tarefas que se iniviavam. O Bispo de Aveiro começou por evocar a pessoa de D. João Evangelista de Lima Vidal, a quem se ficara devendo a restauração da Diocese e a construção do Seminário.

Antes da sessão, o Prelado também presidiu a uma concelebração eucarística e, na altura própria, exortou os alunos ao estudo e a uma vida marcada pelo ambiente familiar, pela piedade e pela atenção aos outros.

ACESSO À PONTE DA BARRA

Pela Direcção dos Serviços de Pontes da Junta Autónoma de Estradas foi aberto concurso para a arrematação da empreitada de construção do viaduto sobre a Rua de D. Manuel Trindade Salgueiro, na Gafanha da Nazaré. Esta obra de arte, que é um dos últimos trabalhos a efectuar para o acesso à ponte da Barra, vai à praça com o preço-base de 17.600 contos.

O acto público efectuar-se-á naquela Repartição no dia 21 de Dezembro, pelas 16 horas.

LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO

AVISO

Foi aberto concurso para os seguintes horários vagos, no Liceu de José Estêvão, de 27 a 30 de Outubro de 1978, perante o conselho Directivo: Madeiras — 2 horários de 24 horas; Têxteis — 1 horário de 8 horas; Ed. Fís. Masc. — 1 horário de 23 horas e 1 horário de 6 horas; e Filosofia — 1 horário de 22 horas.

PINHEIRO DE AZEVEDO em Aveiro

Com o pedido de publicação, recebemos o seguinte

COMUNICADO

A Delegação Distrital do P.D.C. (Partido da Democracia Cristã) desta cidade, a fim de comemorar o 1.º Aniversário da Investidura do Senhor Almirante Pinheiro de Azevedo no cargo de Presidente deste Partido, convida todos os filiados, simpatizantes e amigos da Comissão de Apoio quando das Eleições à Presidência da República, a inscreverem-se num almoço de confraternização, que se realizará no dia 12 de Novembro próximo, pelas 13 horas, no Restaurante «Variante», e para o qual se encontram listas de inscrição em diversos locais da cidade. As inscrições encerram no dia 9 de Novembro. Para mais informações: COMISSÃO ORGANIZADORA, telefone 22155 (horas úteis de expediente), Aveiro.

Exposição de Zé Penicheiro na Galeria «A GRADE»

Como era de prever, tem constituído um êxito a exposição de Zé-Penicheiro que, como oportunamente anunciámos, se patenteia na Galeria «A Grade» desde 21 do corrente e se prolongará até 2 de Novembro próximo.

Ali se mostram nada menos do que 52 primorosos trabalhos do reputado artista — pintura, «cartoons» e desenhos —, cuja temática, quer na figura, quer na paisagem, traduz, em larga percentagem, assuntos das terras e gentes da Ria.

Felicitamos «A Grade», pela iniciativa, e Zé Penicheiro, por mais esta revelação do seu incontestável taleito.

Missas pelos «FIÉIS DEFUNTOS»

No dia 2 de Novembro, às 10 horas, no Cemitério Central e, no Cemitério Sul, às 16 horas, a Câmara Municipal de Aveiro manda celebrar as costumadas missas pelos «Fiéis Defuntos».

Idênticas cerimónias serão levadas a efeito nos cemitérios de Esgueira e de S. Bernardo.

SEMÁFOROS NA PONTE DE S. JOÃO

O Município aveirense aceitou a sugestão de um munícipe no sentido de a ponte de S. João, que dá acesso à Lota, vir a ser dotada de um sistema de semáforos.

O número de acidentes e a falta de visibilidade justificaram a concordância plena dos vereadores presentes na reunião camarária.

NOTÁVEL CERTAME FOTOGRÁFICO

No Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro, patenteiam-se, desde o pretérito sábado, cerca de duzentos trabalhos, em diapositivos e em fotografias a preto e branco e a cor, os quais se integram no 3.º SALÃO IBÉRICO e 6.º NACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA. O importante certame encerrará amanhã.

Trata-se de mais uma valiosa iniciativa da Secção de Fotografia e Cinema de Amadores do Clube dos Galitos.

Ao que nos parece, esta mostra prima pelo seu elevado nível artístico, a merecer a atenção do público interessado pela fotografia. De salientar é ainda a presença significativa de fotógrafos espanhóis que, pela sua imaginação e concepção artística de inegável craveira, obtiveram os primeiros lugares nas três modalidades.

O prémio especial de Aveiro foi atribuído ao concorrente local, José Carlos Miranda Calisto, com a apresentação de um «slide» de vincado recorte artístico.

Classificações: — Preto e branco — 1.º, Jordi Segarra Rusinol; 2.º, Antoni Grau Lopez; 3.º, Jaune Pena e Montes (todos espanhóis). Cores — 1.º, não atribuído por decisão do júri; 2.º, Josep Maria Ribas; 3.º, ao mesmo concorrente. «Slides» — 1.º, Jaune Pena e Montes; 2.º, Jordi Segarra Rusinol; 3.º, Josep Maria Ribas Prous.

Em cada secção, foram atribuídos troféus de ouro, prata e bronze, com escultura de Afonso Henrique, e menções honrosas para vários trabalhos.

VERBENAS DA SÉ

Nas antigas instalações das «Florinhas do Vouga», anexas à Catedral, decorreram as «Verbenas de Verão» da Paróquia da Glória, cujo produto líquido foi creditado nas contas das obras da Sé.

Graças ao generoso trabalho de muitos paroquianos, as «Verbenas de Verão» proporcionaram momentos de convívio, que não apenas a angariação de fundos para diminuir a dívida.

A receita foi de 298 contos e a despesa de 223 contos; houve um saldo de 75 000$00.

CENTRAL DE CAMIONAGEM

A Direcção-Geral de Transportes, em novos estudos de planificação, localizou a central de camionagem para nascente da Linha do Norte e não dentro da zona mais densa e movimentada da cidade.

BOTA-ABAIXO DE UMA DRAGA

Em São Jacinto, foi lançada à água a primeira de uma série de quatro dragas, destinadas à «Dragapor».

Construída nos estaleiros locais, a draga, que estará pronta a funcionar dentro de três meses, importou em cerca de 80 000 contos; possui uma capacidade de 300 metros cúbicos e encontra-se equipada com grua. Tem 42 metros de comprimento e 11 de boca.

SORTEIO PARA A CATEDRAL

Vai realizar-se no próximo dia 16 de Dezembro um grande sorteio cuja receita reverterá a favor das obras da Catedral de Aveiro. A respectiva Comissão procede à venda dos respectivos bilhetes, não só entre os paroquianos de Nossa Senhora da Glória, como também nas freguesias da Diocese.

Escola Preparatória de JOÃO AFONSO DE AVEIRO

Nos termos da legislação em vigor, torna-se público que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 3 dias a partir de 30 de Outubro, para o preenchimento das seguintes vagas de professores: 1.º grupo — 1 horário completo; 2.º grupo — 2 horários completos; 3.º grupo — 2 horários completos; 4.º grupo — 1 horário completo; E. F. —1 horário de 14 horas e um horário completo de E. F. Feminina; T. M. Femininos — 1 horário de 8 horas; e T. M. Masculinos — 1 horário de 14 horas.

SUBSTITUIÇÃO DE BANCOS DO JARDIM

A Edilidade Aveirense deliberou substituir os bancos de jardim; para isso, vai adquirir a uma empresa da especialidade cem bancos, ao preço unitário de 1.056$00.

Os bancos serão em bloco de cimento e o programa de renovação compreende o espaço de um ano.

POLICLÍNICA VETERINÁRIA

O Município local decidiu vender um terreno de dez mil metros quadrados, situado na variante, aos responsáveis pela instalação de uma policlínica veterinária.

O assunto vai ser presente à próxima Assembleia Municipal, a fim de esta deliberar.

Em Ílhavo

3.º ENCONTRO DA CANÇÃO POPULAR

Terminou no passado dia 16 o prazo para a entrega de canções destinadas ao 3.º Encontro da Canção Popular, que a Secção Cultural do Illiabum Clube vai levar a efeito no dia 10 do próximo mês de Novembro.

No espectáculo, que deverá realizar-se no Salão Paroquial de Ílhavo, participarão ainda os cantores Manuel Freire, Vieira da Silva e Brigada Victor Jara.

Quanto às canções recebidas, serão elas submetidas à apreciação de um Juri qualificado, que seleccionará as que entender enquadrarem-se nos objectivos do Encontro, de acordo com o regulamento. Constituem este Juri: Cecília Sacramento (professora); Belo da Fonseca (jornalista); Adalberto Sampaio Ribeiro (estudante de Direito); Mário da Rocha (professor e ensaísta); Vieira da Silva (cantor); Ana Cristina Melo de Carvalho e Viriato Teles (membros da organização do Encontro). Durante a última semana de Outubro, serão tornados públicos os nomes das canções seleccionadas, bem como dos seus autores e intérpretes.

O 3.º Encontro da Canção Popular conta, até ao momento, com o apoio da Casa do Povo de Ílhavo e da revista de música popular «MC» («Mundo da Canção»), do Porto.

BATATA DE CONSUMO E DE SEMENTE

Da Direcção da Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte texto:

● **BATATA DE CONSUMO**

A Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo, de colaboração com a Junta Nacional das Frutas, prevê, a curto prazo, intervir no mercado da batata de consumo de modo a permitir que os preços, presentemente praticados pelo Comércio à Lavoura, venham a ser moralizados.

Os moldes dessa actuação, assim como os preços a praticar, serão oportunamente dados a conhecer aos nossos Associados.

Nesta perspectiva, esta Cooperativa convida todos os seus Associados a procederem ao manifesto das quantidades de batata que ainda possuam para venda.

Dada a urgência de conhecermos esses números, informamos que o prazo para o respectivo manifesto termina, impreterivelmente, no dia 25 do corrente mês de Outubro.

● **BATATA DE SEMENTE**

Por outro lado, desejamos informar todos os nossos Associados que já podem efectuar as suas requisições de batata de semente para a próxima campanha.

Desejamos lembrar aqui, e a propósito, que tais requisições se façam honestamente, atendendo sempre às vossas reais necessidades de plantação.

O prazo para esta requisição terminará no dia 15 de Novembro próximo, findo o qual não serão aceites mais requisições, uma vez que esta Cooperativa tem de saber, com a devida antecedência, quais as quantidades e variedades de batata que devem entrar no País, e, nomeadamente, na sua área de acção.

Aveiro, 10 de Outubro de 1978.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 27 — às 21.30 horas; Sábado, 28 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 29 — às 15.30 e 21.30 horas — OS TRÊS DIAS DO CONDOR — Interdito a menores de 13 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 27 — às 21.30 horas — ADEUS AMIGO — Grupo D — 18 anos.

Sábado, 28 — às 15.30 e 21.30 horas — AMOR SEM BARREIRAS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 29 — às 15 e 21.30 horas — LABIRINTO DA VIOLÊNCIA — Interdito a menores de 13 anos; *às 17.30 horas, matinée clássica* — UM TOQUE DE CLASSE.

Segunda-feira, 30 — às 21.30 horas — O REGRESSO DO TIGRE — Interdito a menores de 13 anos; Terça-feira, 31 — às 21.30 horas — SAIAS ACIMA... JÁ — Interdito a menores de 18 anos.

Um apelo do Núcleo Regional do Norte da LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

Como em anos anteriores, vai mais um avez, a Comissão Distrital de Aveiro da Liga Portuguesa Contra o Cancro, levar a efeito o tradicional peditório, cuja finalidade é por demais conhecida de todos — a construção, na cidade do Porto, de um grandioso conjunto hospitalar que venha servir, eficientemente toda a Zona Norte do País.

Graças à bondade e espírito altruísta do bom Povo do Distrito de Aveiro, o objectivo está prestes a ser atingido, muito embora muito ainda haja para fazer, pois como é sabido, a obra a que em boa hora um grupo de ilustres Portuenses meteu ombros, exige de todos o indispensável contributo.

Neste momento, acaba de ser concluído um grandioso bloco operatório com 6 pisos, com capacidade para 160 camas e já está em construção um Lar de apoio aos doentes cancerosos em regime de tratamento ambulatório, cujo custo excede os 42.000 contos, o que significa bem os enormes encargos que terão que ser suportados.

Além do mais, as cerca de 25.000 pessoas que no curto espaço de quatro anos passaram já pelo Instituto, a fim de serem observadas, obrigam-nos a, mais uma vez, apelar para o bom Povo do Distrito de Aveiro, para que nos auxiliem com os seus donativos e mesmo com a sua colaboração, pois estamos perante uma realidade que ninguém poderá ignorar que é o combate ao flagelo número um da humanidade — O CANCRO.

O Povo do Distrito de Aveiro irá, mais uma vez, dizer sim a uma obra que é de todos e para a qual todos temos o dever de contribuir.

Uma nova ambulância para os BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CASTELO DE PAIVA

No prosseguimento de um projecto que tende a equipar toda uma rede nacional de socorros de emergência a que o Serviço Nacional de Ambulâncias (SNA) meteu ombros, acaba de ser entregue à Corporação dos Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva uma nova e sofisticada ambulância que, para lá de melhorar notavelmente o seu parque de serviços, representará forte contributo para a segurança das populações locais e utentes da rede de estradas da região.

A entrega da nova ambulância decorreu, em Lisboa, numa cerimónia singela, a que compareceu uma delegação daquele corpo de Bombeiros, comandada por António da Rocha Alves.

FALECERAM:

● **Com 48 anos de idade, faleceu, no dia 3 do corrente, a sr.ª D. Amélia do Carmo Soares Fontoura, que residia ao n.º 118 da Estrada do Canal, freguesia da Vera-Cruz.**

A saudosa extinta deixou viúvo o sr. Fernando Manita dos Santos; e era mãe da sr.ª D. Maria Fernanda Soares dos Santos e do sr. João Manuel Soares dos Santos.

Após missa na capela da Senhora da Alegria, foi a sepultar, no dia 5, no Cemitério Sul.

● **No dia 4, faleceu o 1.º Sangento do Exército (reformado) sr. António Rodrigues Gonçalves, pessoa muito conhecida e estimada no nosso meio.**

Era casado com a sr.ª D. Amélia Pinho Albuquerque e pai dos srs. Major António Gabriel de Albuquerque Gonçalves e Alfredo Orlando de Albuquerque Gonçalves, este funcionário da Companhia de Seguros Ultramarina.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul.

● **No dia 5, e com a provecta idade de 82 anos, faleceu a sr.ª D. Maria do Céu Pinho Ferreira da Costa, que, no dia imediato e, após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, foi a sepultar no Cemitério Sul.**

A saudosa extinta, viúva de João da Silva, era tia do conhecido cineasta aveirense e nosso distinto colaborador Dr. Vasco Branco e das sr.ªs D. Maria de Lurdes Pinho Tavares, D. Lisete de Pinho, D. Maria Domingas Aleluia da Costa Saraiva, D. Maria de Fátima Aleluia da Costa Vaz, D. Maria Teresa Pinho Naia e, ainda, dos srs. Carlos Alberto Aleluia da Costa e Luís Pinho Naia.

● **Foi sepultada em 6 do corrente, no Cemitério Sul desta cidade e após missa na capela da Senhora da Alegria, a sr.ª D. Maria Pereira, que contava 75 anos de idade.**

A saudosa extinta deixou viúvo o sr. Manuel Pinto Ribeiro, ferroviário reformado.

● **Com 71 anos de idade, vitimado por trombose cerebral, faleceu, no dia 9, o sr. prof. António dos Santos Marcela.**

Ao longo de uma profícua actividade docente, o saudoso extinto revelou-se pedagogo de excepcionais qualidades, tendo ensinado numerosas gerações, que dele conservam imperecível memória.

Era casado com a sr.ª D. Zélia Gonçalves Guimarães, professora aposentada; e era pai das sr.ªs D. Margarida, D. Ermelinda e D. Sara Guimarães Marcela.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia seguinte, no Cemitério Sul.

● **No mesmo dia, faleceu, com 80 anos de idade, a sr.ª D. Gracinda Correia Prego Ançã, que residia em Aveiro, na Rua do Eng.º Silvério Pereira da Silva, tendo ido a sepultar, no dia imediato, e após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, para o Cemitério de Ílhavo.**

A veneranda extinta, viúva do saudoso Eduardo Ferreira Ançã, era mãe da sr.ª D. Maria Virgínia Prego Ferreira Ançã Regala, esposa do reputado médico Dr. Vítor Celestino Ferreira Regala, da sr.ª D. Maria Odete Ferreira Ançã Belo, casada com o sr. João da Costa Belo, e do sr. Fernando Miguel Prego Ferreira Ançã, marido da sr.ª D. Maria Gabriela Freitas Serra.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

Tabelas de Publicidade

Os Semanários de Aveiro — «Correio do Vouga» e «Litoral» — que têm praticado idênticos preçários, após minucioso estudo, reconheceram a impossibilidade de suportar os encargos inerentes à respectiva publicação, dados os enormes e consabidos aumentos do seu custo, designadamente na composição, na impressão e no preço do papel.

Por isso, decidiram, para garantia da sua sobrevivência, actualizar as suas tabelas, o que, para já, apenas fazem quanto à publicidade.

Adverte-se que a nova tabela, a seguir publicada, é sensivelmente inferior e, em certos casos muito inferior, à praticada por outros semanários que tivemos o cuidado de consultar, quer do distrito de Aveiro, quer de publicações congéneres de outros distritos.

PUBLICIDADE — A PARTIR (para o Litoral) DE 7/4/978

1 página — 4 000$00; 1/2 página — 2 200$00; 1/3 página — 1 500$00; 1/4 página — 1 200$00; 1/5 página — 1 000$00; 1/8 página — 700$00; 1/16 página — 400$00; 1/32 página — 300$00.

Anúncio mínimo — (abaixo da medida precedente) — 100$00.
Texto, por linha (corpo 8) — oficiais: 12$50 — outros: 15$00.

Descontos — 5 publicações — 10%; 10 publicações — 20%; 25 publicações — 30%; 50 publicações — 40%; de agência — 20%.

NOTAS — 1.ª ao preço líquido dos anúncios acresce, como é de Lei, o imposto de 10%, a cargo do anunciante.
2.ª Não se publicam anúncios (normalmente) na 1.ª e na última páginas.

A Câmara e os nossos valores arquitectónicos

Continuação da 1.ª página

erguem-se, de quando em quando, vozes isoladas e que, por isso mesmo, facilmente podem ser neutralizadas, apesar das melhores intenções e da força da sua razão.

Porém, desta vez, não foi isso que aconteceu. E, curiosamente — ou talvez não, porque na Câmara estão os legítimos representantes do povo de Aveiro — é a edilidade que, num acto de coragem, indiferente a críticas, assume a responsabilidade de rejeitar o projecto de ampliação do Banco Nacional Ultramarino, uma vez que o referido projecto não se harmoniza com o que está estabelecido para aquela zona da cidade, onde, sem dúvida, existe um conjunto arquitectónico de «Arte Nova», dos melhores a nível nacional, que, aliás, tem despertado o maior interesse dos estrangeiros que nos visitam.

Decisão tão corajosa e realmente digna de quem tem sobre si a responsabilidade da comunidade aveirense, não é, com certeza, acto isolado. É uma linha de acção. E há outros conjuntos arquitectónicos que merecem também a melhor das atenções e correm perigo constante. Não falamos dos vulgarmente conhecidos por «monumentos nacionais» (geralmente ligados, no passado, ao clero e à nobreza), obras sem dúvida a exigirem todo o cuidado, mas que, melhor ou pior, têm sempre quem se lembre delas (o que não quer dizer quem lhes acuda!). Mas, e deixando de parte, neste momento, casas de forte influência estrangeira, dignas de melhor atenção — como a do Fundo de Fomento de Habitação, na Rua de Ílhavo — olhemos para os dois exemplos seguintes:

— Da casa rural, característica da nossa região, e que se distingue imediatamente pelo largo e alto portal de entrada, para a carroça, ficando dum lado a habitação, do outro, arrumos e gado, já muito poucos espécimes existem em Aveiro, que foi, durante séculos, farta de quintas e produtos agrícolas.

— E as habitações dos pescadores e marnotos (da Beira-Mar), de que, felizmente, há exemplares notáveis, particularmente na freguesia da Vera-Cruz, com ruas inteiras dignas de serem «tomadas» por interesse concelhio, dada a fragilidade dos materiais de construção, as suas reduzidas dimensões, harmonia das fachadas e equilíbrio existente entre elas, impõem-se por si próprias a quem tem obrigação de as olhar com o saber e a sensibilidade de um arquitecto urbanista ou paisagista ou a quem, como nós, as vê como tradicionais habitações simples, adaptadas à vida da segunda metade do século XX, mas com raízes muito mais profundas no tempo, pertencendo embora a gente humilde que, na sua simplicidade, muito contribuiu — nas fainas do mar e do sal sobretudo — para o engrandecimento da sua terra, hoje a nossa cidade. (Não confundir com os «palheiros» — outro tipo de arquitectura popular, bem característico e em vias de desaparecer totalmente!).

E aqui está Aveiro com os seus exemplos arquitectónicos mais significativos do que foi a ascensão do «terceiro estado»:

— o grande comerciante, proprietário ou homem da finança, ligado ao tráfico marítimo (de que é representativo o conjunto «Arte Nova» em questão) que se instala nas zonas centrais, atento a todas as grandes alterações político-económicas, dominando as praças, o grande canal, perto da Câmara (ao longo do séc. XIX e na viragem do século, quando os diversos sectores da burguesia se digladiam até à implantação da República);

— o homem humilde do mar (mais retirado para os canais de segunda categoria, propícios à pesca, sal, etc. e para os espaços urbanos menos agitados — sem dúvida, o que maior tipicidade imprimiu à sua terra;

— o rural, amanhando a terra, sempre na periferia, abastecendo a população, mas raramente participando da sua vida.

//

Não seriam, pois, de salvaguardar exemplos significativos da arquitectura popular destes componentes populacionais, que, cada um à sua maneira, tanto contribuíram para engrandecer Aveiro?

É pedir muito? Não, apenas alertar, para defender. Aveiro não pode ser, para os nossos filhos, uma cidade incaracterística.

AMARO NEVES

ABSTENÇÃO

Continuação da 1.ª página

mento do mais largo consenso, com base nesse personalismo soberano, para toda a acção directiva.

Como pois justificar um tal regime, perante o fenómeno da indiferença generalizada, do abstencionismo explícito?

Por mais paciente que se seja, há certas oraculidades que acabam por exaltar-nos. Sobretudo quando as vozes singulares (raramente assumindo-se como tal, por excesso de modéstia sem dúvida) se multiplicam ao infinito, sedimentando-se em certos «bons-sensos», irredutíveis a uma larguíssima escala. Neste pandemónio, em que os mais racionalistas críticos também não sabem destrinçar as causas e os efeitos, estamos nós, qual Pangloss desesperado, estupefactos ante a simplicidade das coisas... sempre má conselheira. A borregada intelectual, com sua eterna negatividade actualizada, para que se não diga que lhe escapa algum sinal dos tempos..., sente-se feliz. Por não ter que agir, porque a sua missão profética se queda na análise.

Mas é ou não verdade que a sobrevivência dum regime democrático (ou talvez mesmo de qualquer outro) se alicerça em actos?

Tenho para mim que a faculdade primeira e a grande razão de ser do regime democrático não é a existência da pluralidade por-si, mas a possibilidade, que lhe é inerente, de se dotar a vida social de um programa de realizações que, antes do mais, justifique a própria vida em comunidade ou sociedade. Desde logo isto implica a não univocidade do pensamento que serve de substracto unificador da acção política (Programa). Porque, se é verdade que só na prática podemos concluir, em última análise, da viabilidade ou inviabilidade do Programa, é também lícito desejar-se que tal programa seja perspectivado na argumentação prática, desde a sua génese. Exemplo: uma política (Progarma) nacional deverá estruturar-se ao longo de anos a partir do conhecimento das tendências essenciais de um povo e como sua forma de investigação, para que a realidade seja de facto transformável num sentido singular mas coerente.

E, por outro lado, a argumentação prática significa, como é evidente, a existência de pluralidade ou «oposições».

Não cabe aqui referenciar a que nível deverá essa pluralidade funcionar para a elaboração de um programa nacional, mas aceitar-se-á certamente que, por princípio, a pluralidade não é um exercício de cúpulas...

É necessário, mencionada tão-só que foi a questão mais geral, anotar dois pontos:

Primeiro. Não é, quanto a mim, indiferente falar-se de regime democrático e do regime democrático, ou sua fundação, que caracteriza a actualidade portuguesa. Este não o será genuinamente, porque não o é de forma inovadora (pelo menos na cristalizada mentalidade de muitos dos actuais dirigentes). E não há democracia contemporânea que não esteja em vias de se repensar.

As referências feitas atrás ao regime democrático, tal como ele vai sendo imaginado algures (diversificação dos centros do poder, basicamente), são também aplicadas, ou deveriam sê-lo, ao «nosso» regime, apesar de tudo. Com Mário Soares, também creio que não teria sido possível fazer melhor, depois de 40 anos de imunização contra quase toda a renovação mental verdadeira.

Finalmente, questão inicial, o abstencionismo, tal como ele pode (deve?) ser objectivado.

De um direito inevitável do cidadão (que nem mesmo é obrigado a ser democrata... pese embora às Direitas, que viram derrotada — e mal! — a sua notabilíssima proposta da Lei Eleitoral), poderá o abstencionismo tornar-se ameaça psicológica do regime? Sem dúvida que sim, mas por razões nem sempre reconhecidas com clareza. Não é por haver 60% de abstenções que o regime se subverte. Pelo menos na medida em que é certo não corresponder a essa «opção» uma vontade elaborada e conjugada; e também porque (não será difícil reconhecê-lo), nas condições do país actual, o abstencionista, com nómu o significativas excepções, é, simples e cruamente, um abstencionista. Deixando mesmo de lado o facto de ser o regime, tal como ele surge hoje aos olhos de muita gente, a possível causa da sua própria «maldição» (que fez este regime de concreto para melhorar a vida social ou as condições de vida da larga maioria dos portugueses?), haverá razão para desanimar de mantermos o pluralismo e as instituições nele fundamentadas?

É bem certo que não.

Pelo menos ao nível ético, a abstenção, se alguma coisa significa, é positiva. Inconcebível, em termos humanamente racionais, numa tal sociedade herdada do obscurantismo, seria a participação consciente e desinibida de paixões.

Custe o que custar esta evidência, é a partir dela, e aceitando-a como a verdadeira reacção, compreensível e salutar, ainda que tardia, ao 25 de Abril e ao que ele significou de real mudança no plano mental, que se deverá então, agora, Re-pensar Portugal ou seja: tudo.

Se não se tivessem manifestado as crises governativas, se o «soarismo» enquanto democracia velha e vazia, aos olhos dos seus próprios protagonistas, tivesse tido a oportunidade de se manter por mais tempo, estaríamos ainda e cada vez mais longe do recomeço.

Participação de todos... creio que isso se deve entender como um desejo. Mas sem dúvida que é urgente a participação do maior número possível. Poucos ou não, são esses que podem e devem continuar a arrancada para a democracia.

E porque não há democracia-sistema mas sim democratização, falar-se da «triste experiência democrática até agora sofrida» é uma boa prova de que a tão verificada crise do regime é um monstro assustador, mais para os nossos «chefes» instalados do que para o povo.

De resto e como se sabe: a participação inorgânica, pelo voto, é insignificante ao lado de outras formas bem mais simples de participação, ou pelo menos mais reais. Mas estas, sobre não interessarem, no fundo, à superestrutura clássica (quer se mascare de social, liberal ou social-democrata, para não falar dos Estados comunistas, ou sua degeneração), não são objecto de propaganda das «máquinas» pretensamente classistas.

A abstenção, pois, e enquanto se vai racionalizando por aí em novos moldes um puro despotismo esclarecido, como limiar hipótese de renovação.

Desafio pouco animador para os que já não têm (ou nunca tiveram) que de novo a propor-nos, tal a segurança com que habitam a própria impossibilidade de se renovarem.

MIGUEL CARVALHO

Historiografia Aveirense

Conclusão da página 3

que já a Direcção de 1932 se viu forçada a suspender as chamadas especialidades farmacêuticas, não o fazendo, porém, a tempo de evitar a dívida que legou, a respeitável importância de 1 974$50, infringindo, por tal motivo, a clara disposição do art.º 46.º do Estatuto; e, quase no final: — «Em face do que, sucintamente, fica exposto e perante a contingência de vir a agravar-se o mal, porque a despesa com o receituário cresce — a Direcção viu-se forçada a suspender os «vistos» nas receitas dos médicos estranhos à Associação, a partir do dia 25, cujas receitas, consequentemente, deixam de ser abonadas».

A seguir, a Direcção lamenta-se da extraordinária atitude que teve de tomar, mas que está nos precisos termos do art.º 46.º já citado, que não permite exceder a receita do Fundo Disponível.

A circular termina por dizer que a Direcção, em tempo oportuno, justificará o seu gesto; isto, é claro, sem prejuízo do direito que assiste aos sócios de reclamarem no lugar competente e quando o entenderem.

Mas... isto de se abusar dos direitos concedidos pelo Estatuto, era pecha velha, como se vê pelo artigo que o jornal «O Democrata» publicou em 13-VII-913, sob o título PUROS, referindo-se ao Monte-Pio: «/.../ Os membros da quadrilha, abusando infame e criminosamente dos direitos de sócios, faziam assalto aos cofres da benemérita e pobre associação.

«Foi, durante anos um constante assalto, um verdadeiro saque!

«Conseguiam de alguns médicos a nota de urgente nas receitas e, assim, só nos fins dos meses é que a direcção conhecia por quanto lhe ficavam os beneméritos associados, sempre honrados, sempre dignos e humanitários.

«Essa gente, desde as dúzias de garrafas de águas mineraes, que às quatro e às cinco levava para casa, até aos mais caros e variados medicamentos nacionais e estrangeiros que se dividiam pelos amigos, familiares, servos e servas, tudo arrebatava à referida associação sem o mais leve sentimento de reparo, de pundonor ou de honradez, essa gente, dizíamos, se fosse susceptível de um assomo de dignidade e de vergonha, indemnizaria o cofre do Monte-Pio que exausto por êsses assaltos, teve de diminuir e cerciar os benefícios, já de si bem poucos, que fornecia ao sócio digno e respeitador do interesse comum».

Termina, assim, aquele artigo:

«É um abismo!

«Não há memória de uma coisa assim!

«Verdadeiros vampiros qualquer dos sócios da grande quadrilha!

«Onde possam meter os tentáculos tudo levam.

«No Monte-Pio, nas farmácias, nas casas dos clientes, no diabo que os carregue!...»

Fiquemos, agora, por aqui, que este artigo já vai longo. No próximo, continuarei a analisar o Relatório de 1933.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

PATRIMÓNIO LOCAL

Conclusão da página 3

deira placidez. E, assim concluindo, após ruminado exame do caso singular — porque diferente, que não só anterior ao da zona da «lota», para a qual há bem definida entidade que nela superintenda — é já que o Cais do Paraíso, em bom rigor lógico, não se sente que pertença celularmente a qualquer das freguesias aveirenses tradicionais, concluí que também não pode ser classificada de «comum de dois» — ou, antes, das duas paróquias prestes a atingir o sexquicentenário. Passei, pois, a considerar, há muito, aquela zona excrescente do bem caracterizado círculo urbano, com uma designação também buscada na terminologia gramatical. E qualifiquei-a, creio que com propriedade ajustadíssima, de território, aveirense sim e lídima e genuinamente, mas... «epiceno».

• •

Este digressivo preâmbulo justificativo da minha intromissão em domínio a que costumo estar alheio, vai ficando desproporcionadamente alongado em relação às parcas linhas que dedicarei ao concreto propósito suscitador desta lenga-lenga em forma de abertura, tão fora dos cânones, na extensão e na textura.

Ora eu não pretendo usurpar domínios alheios nem primazias de temas e de reivindicações de patrocinadora defesa do património artístico local. Desejo, sim, numa deambulação de cívico imperativo que me conduz a áreas de atenção inerentes às prioridades que neles, por múltiplos títulos e até por conhecidos motivos cronológicos, conquistou, com sua vigilante e prestadia aplicação, cuidado estudo e zelosa atenção assiar-me, uma vez mais, aos incentivantes clamores do Padre João Gonçalves Gaspar — credor pelos persistentes e valiosos serviços à nossa historiografia do vivo reconhecimento dos aveirenses.

O infatigável aveirógrafo, em mais que um ensejo, tem lançado os brados de apelo e alarme que requer a nossa monumentária, não espectacularmente rica, mas de indiscutíveis méritos e a preservar e a defender afincadamente — a acusar progressivos efeitos deletérios não só do mero perpassar do tempo, já de si obviamente envelhecedores, mas do ambiente salino e húmido e da própria intensidade da luz, e suas penetrantes cintilações ultra-violetas e infra-vermelhas e quejandas, que corroem e deterioram os relativamente brandos calcáreos dos nossos espécimes arquitectónicos e escultóricos expostos ao ar livre.

Ouvido foi, com regozijo aberto e unânime de quantos por estes valores se inclinam, no que concerne ao precioso Cruzeiro de S. Domingos, entre os técnicos e artistas que têm por missão velar pelos monumentos nacionais, e mesmo ao alto nível governamental.

Noutro particular, publicamente se anunciou que a edilidade — e também por isso bem haja — a par do propósito de parcial urbanização da vetusta área de Nossa Senhora da Alegria — anteriormente chamada de Santa Maria de Sá, e que como é consabido também até há perto de centúria e meia de anos constituiu um encrave ilhavense entre Aveiro e a antiga vila de Esgueira — o restauro e revisão estética do «cruzeiro — templete», para me servir da categorizadora designação de Nogueira Gonçalves que se encontra no adro daquele velho templo. E desde remoto período quinhentista, precisamente desde 1554, como se lê inscrito no pedestal.

Aliás, aquele mesmo autor preconiza maneira de restituir a cobertura do cruzeiro — que foi reconstruído sem o crucificado que incluía, há poucos decénios, de forma, porventura discutível, mas sugeridora.

Neste momento igualmente não intento ressuscitar a chamada à atenção e cuidado que reclama o restauro da igreja das Carmelitas, com talhas e telas, quase irreconstituìvelmente arruinadas, salvo por substituição renovadora com réplicas reconstitutivas de um dos mais importantes conjuntos de arte religiosa que possuímos e podemos mostrar.

• •

Para agora, e fundamente impressionado pelo que mais minucio-

Conclui na página 7

A Capela do Senhor das Barrocas

Conclusão da página 3

teca da Universidade e das aulas dos Gerais».

—x—

Como surgiu a devoção ao «Senhor das Barrocas»? . . . Quando é que se ergueu este curioso e belo templo ? . . . Perguntas pertinentes e que merecem respostas, as mais concretas possíveis, o que nem sempre é fácil obter. Mas de leitura em leitura consegui saber que o topónimo BARROCAS vem de muito longe. Segundo Marques Gomes o Documento n.º 46 dos prazos do convento de Jesus refere «um chão de terra lavradia» desse nome, foreiro do referido convento, situado a caminho de Esgueira. Ora havia aqui, neste mesmo caminho, uma cruz de pedra entre silvas, muito venerada por gente do lugar e mareantes. Conta a tradição que um homem da Rua do Bento, de nome Custódio Fernandes, estando de tal modo enfermo que já fora ungido, se recomendou ao «Senhor das Barrocas» a conselho de uma vizinha, e, após oito dias em estado de coma, regressou à vida dizendo ter estado todo aquele tempo em oração diante da referida cruz. Sabida a novidade do milagre construiu-se no local uma primitiva capela, em madeira, com as esmolas dos fiéis. Mais tarde, em 1707, começou a erguer-se a construção actual, «a expensas do créscimo da massa das cisas», mas só em 1732 foi feita a trasladação da imagem para a nova capela.

Grande fama dos milagres e graças obtidas através do «Senhor das Barrocas» trouxera a este templo muitos peregrinos vindos de longe. E logo em redor se construiram casas para albergar os viandantes, favorecendo essas peregrinações de fé e gratidão, que vinham aumentar os proventos da capela. Mas, infelizmente, tudo tem um fim. O aparecimento de novos centros de devoção, aqui e além; as epidemias que assolaram, por vezes, esta região, e que obrigaram à deslocações das suas gentes para zonas interiores mais saudáveis, aliados «à incúria dos párocos de Esgueira» — e Marques Gomes não deixa de bater nesta tecla com insistência . . . — tudo isto levou ao abandono do referido templo, onde a chuva entrava pelos vidros quebrados das janelas, enegrecendo paredes, humedecendo madeiras. No século XIX procedeu-se a grandes restauros, que se ficaram a dever ao Bispo D. António José Cordeiro. A Junta da Paróquia da Vera-Cruz também se preocupou com pequenas reparações urgentes.

E, nos nossos dias, que se faz pelo «Senhor das Barrocas» ? . . .

Sigo uma passagem de A. Souto em «A Arte em Portugal»: «Uma das faces do octógono cede o lugar à capela-mor que ocupa parte do corpo saliente e quadrangular com um espectaculoso retábulo de magnífica talha no género da do retábulo da Sé do Porto. Tecto totalmente coberto de talha dourada mas com falta de ouro ou má conservação». «Falta de ouro ou má conservação», volto a escrever. É precisamente o que se nota ainda hoje; a pintura apresenta um delicado tom pálido, como se fosse uma mistura de cinza e cor de vinho, mas com muitas falhas e podendo-se ver, até, a presença do «caruncho». Mas prossigo com o mesmo autor: «Dois formosos púlpitos de madeira entalhada com seus docéis ornados de esculturas repousam sobre mísulas de calcáreo de Ançã, de grande beleza escultórica e ornamental. Da cúpula arrojada e majestosa pende um vistoso florão de madeira dourada». Onde está este referido florão neste momento ? . . . Na cúpula da capela das Barrocas é que não; da sua brancura impecável pende, inesteticamente, um longo fio branco com uma lâmpada na ponta . . .

Recorro agora a Marques Gomes: «Em volta do templo e logo por baixo das janelas que o inundam de luz, há uma galeria formada pela cornija do entablamento, cuja parte inferior é ornatada com triglifos. Abóbada com oito fachas de pedra esquadrinhada. Nas paredes seis arcos revestidos de cantaria; em dois, paralelos ao cruzeiro, dois bons altares de talha com entablamentos interrompidos, tendo um anjo de cada lado. Estes altares apresentam dois quadros pintados a têmpera e devidos a Pedro Alexandrino. Aos lados do altar-mor duas portas de pau Brasil, almofadadas e com pregaria amarela». Estas duas portas chamam a atenção pela sua beleza, mas ignoro se são as mesmas referidas pelo historiógrafo aveirense. Os altares laterais não são dourados, apresentando a sua talha finamente trabalhada uma capa branca que condiz com a brancura das paredes; mas um dos anjos que rematam a ornamentação de um dos altares desapareceu. Voou, por certo . . .

A Capela do Senhor das Barrocas foi considerada «Imóvel de Interesse Público por decreto 34452 de 20 de Março de 1945; a sua Zona de Protecção foi estabelecida em 12 de Março de 1959». E chegando a este ponto, apraz-me perguntar: Será que o «Senhor das Barrocas» não merece mais atenção por parte das entidades competentes ? . . . Não seria possível a sua abertura ao público, para lá da hora do culto religioso aos domingos ? . . . Quantos aveirenses — e já não falo em estrangeiros ou pessoas de fora de Aveiro —, mas quantos aveirenses conhecem a beleza suave e mística daquele pequeno recinto luminoso, a elegância das colunas salomónicas finamente lavradas, a ornamentação plena de seiva e vida das mísulas de Ançã que suportam os púlpitos de madeira rendilhada ? . . .

No início deste modesto trabalho apelidei Aveiro de cidade «tristemente linda». Intencionalmente; com o reforço das aspas como se de uma citação se tratasse. E, para agravar a falta, a qualificação do substantivo através dum verbo de modo. É que não encontro outra maneira de o fazer, outro modo de a classificar. Cidade linda, sim; sem monumentalidade que impressione, sem riqueza que abafe, sem «snobismo» que atrofie, —, mas alegre e luminosa, acolhedora e simpática como as suas gentes simples e agradáveis. Porquê, então, o «tristemente» ? . . . Será preciso dizê-lo ? . . .

Aveiro, Outubro de 1978

HONORINDA CERVEIRA

PATRIMÓNIO LOCAL

Conclusão da página 6

samente observei num dos passados dias, apenas me abalanço ao propósito de secundar as solicitações, as mais responsáveis e de maior compenetração, formuladas já a representantes qualificados das entidades competentes. E ao intuito de chamar a atenção pública aveirense — suscitando quanto possível os correspondentes ecos de bairrismo actuante — para o estado verdadeira e eminentemente alarmante em que se evidencia o portal da velha igreja dominica de S. Domingos — hoje a nossa interiormente restaurada e ampliada Sé Diocesana.

Datado de 1719, esse pórtico, lenta mas continuadamente corroído, ao longo de mais de dois séculos e meio, já não deixa distinguir, supunhamos, o brasão que encima todo o alçado arquitectónico. Assim, para essa insígnia heráldica há quem opine poder tratar-se tanto de um indicativo de padroado régio como dominicano, mas há quem assevere que, em fotografias de luz razante se verifica tratar-se das armas do inclito Infante D. Pedro, que foi benemérito donatário da então vila de Aveiro.

Será, então, com base segura, reconstituível. Não deixará, contudo, de ser estranho e de causas de certo modo incompreensíveis, se não paradoxais, que se prestasse esse preito, mesmo mais de cento e cinquenta anos decorridos, ao Infante das Sete Partidas — «o mais claro príncipe das Espanhas» — numa igreja a cuja construção estava estreitamente ligado D. Afonso V, seu sobrinho e genro, e por causa de quem morreu em Alfarrobeira.

Muito mais carcomidas, todavia, mostram-se as pilastras salomónicas, mais destacadas do conjunto — e, assim, mais expostas e sujeitas às deteriorações mesológicas — que decoram o pórtico barroco. Numa «cárie» progressiva estão a esboroar-se, a desfazer-se pronunciada e alarmantemente. Uma delas encontra-se mesmo nitidamente desaprumada, e, pois, em inquietantes condições de insegurança. E a sua queda, que começa, a entrar nas previsões mais prováveis, pode arrastar a de outras peças do pórtico e mutilá-las em larga parcela.

Esse perigo para a delapidação do património artístico local desejo, pois, não denunciar, pois já quem está alerta com muito maior acuidade o trouxe à letra de forma, mas contribuir para que na consciência colectiva aveirense seja considerado como um perigo a conjurar, e pela comunidade quanto possível mobilizada. E nas entidades que mais directamente se ligam com o inquietante caso — e até já com ele tomaram os primeiros contactos — se estude com presteza o modo prático, efectivo e eficiente de lhe acudir atempadamente.

E, claramente — neste intuito de dar uma pequena sacudidela na dormente e estéril inércia comunitária da generalidade dos aveirenses que as ocupações pessoais não dispõem às inclinações onerosas do bairrismo — tendo em atenção que os responsáveis eclesiásticos, por maior que seja a sua força de vontade, encontrando-se ainda com uma dívida da ordem de grandeza dos três milhares de contos, pelas vultosas obras efectuadas no venerando templo de origens quatrocentistas, estão tolhidas para mais esse encargo. Contemos, porém, com as disponibilidades e bons ofícios concretos das entidades oficiais e, supletivamente, — não queremos duvidar — com uma demonstração mais de prestadio aveirismo, numa emergência com foros flagrantes de crítica e imperativa.

EDUARDO CERQUEIRA

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 10 de Novembro pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, vai proceder-se à Arrematação em hasta pública e primeira praça, para ser entregue a quem maior lanço oferecer, superior àquele por que vai à praça, do móvel — máquina de café marca FAEMA — Ariete, penhorada aos executados Adriano Ribeiro da Costa e Maria Emília Fernandes, residentes na Gafanha da Nazaré, desta comarca de Aveiro, nos Autos de Carta Precatória, vinda do 3.º Juízo da Comarca de Coimbra e extraída dos Autos de Execução de Sentença que àqueles Executados move Carvalho & Sobrinho, com sede em Coimbra.

Aveiro, 4 de Outubro de 1978.

A ESCRITURÁRIA,

a) *Ana Margarida*

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

LITORAL - Aveiro, 27/10/78 — N.º 1221

Continuações da última página

«OLÍMPICOS» DO GALITOS

1948 se reuniram, no penúltimo sábado.

Antes do jantar de confraternização a que já aludimos, da parte da tarde, os «olímpicos» concentraram-se no posto da Secção Náutica e voltando a envergar as camisolas do Galitos — que, vezes sem conta, tanto souberam honrar, dentro e fora do País — aparelharam o seu barco, o «shell» de oito onde conheceram vitórias sem conta, saindo para as águas da Ria...

... voltaram a remar, os «olímpicos» do Galitos! Foi um regresso fugaz, para matar saudades, já que os anos não perdoam, e há que render a guarda, segundo a lei inexorável do tempo.

Remadas vigorosas, certas, compassadas. Como que em guarda-de-honra, nesta jornada de saudosa comemoração das proezas de 1948, os «olímpicos» do Galitos foram acompanhados, neste seu passeio ao passado, pela quase totalidade das actuais tripulações dos alvi-rubros — a garantia, no presente, de que, no futuro, o exemplo dos «velhos» terá apaixonados continuadores...

Por hoje, apenas esta nótula. Mas havemos, em breve, de retomar este mesmo tema.

ANDEBOL de SETE

Mário Garcia converteu cinco castigos máximos, e desperdiçou um, em que rematou à barra.

Arbitragem de fraco nível, com diversos lapsos, embora imparcial. Os juízes de campo conimbricenses — em confronto com os seus colegas aveirenses (que, de modo incompreensível, continuam sem acesso aos jogos da I Divisão...), ficam a perder, de modo nítido...

Espinho, 25 Beira-Mar, 17

Jogo no Pavilhão do Espinho, sob arbitragem dos srs. Jerónimo Silva e José Ribeiro, da Comissão Distrital de Coimbra.

Alinharam e marcaram:

Espinho — Capela, Simões, Alfredo (8), Sampaio, Pinto II (1), Madureira (5), Armando, Paulo (6), Canelas (1), Orlando (3), Mesquita (1) e Pinto II.

Beira-Mar — Januário, Bastos, Fernando Rocha, Leite, David (5), Nuno (1), Oliveira, Marinho, Ricardo (6), Chico Costa (4), Fernando Silvares (1) e Carlos.

1.ª parte: 14-7. 2.ª parte: 11-10.

Para além das ausências de Patarrana e Zé Carlos e da lesão sofrida por Fernando Rocha (logo no início do encontro), a má actuação defensiva da turma beiramarense — nas últimas metades de cada parte — e a perda de golos de maneira espectacular (os auri-negros falharam, aos seis metros, quinze remates e desaproveitaram dois **penalties**!) justificam o desnível verificado no **score** final.

Com efeito, a defesa aveirense, nos citados períodos, não se entendeu, permitindo que os «tigres» construíssem uma vitória folgada, totalmente merecida, dado que souberam, de modo inteligente, aproveitar as desinteligências do muro defensivo contrário.

Apesar da fraca actuação colectiva dos beiramarenses, são de destacar as exibições de Januário e Ricardo e o espírito de sacrifício de Fernando Rocha, que, em inferioridade física, abnegadamente se manteve em campo, cumprindo a sua missão. Nos espinhenses, salientaram-se Madureira e Alfredo, sobretudo pela sua acutilância.

Perante numerosa assistência, sempre correcta, o jogo primou também pelo bom comportamento disciplinar dos atletas e a actuação dos árbitros portuenses merece ser qualificada de excelente.

A. V. P.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 3.ª jornada

Desp. Portugal - V. Guimarães	22-18
CUCUJÃES - Cdup	13-17
Braga - Vila Real	(a)
Académica - António Aroso	20-7
OLEIROS - Bairro Latino	22-17

(a) — Não conseguimos apurar este desfecho

Próxima jornada (sábado) — Cdup-Desportivo de Portugal, Vitória de Guimarães - Braga, Vila Real - OLEIROS, António Aroso - CUCUJÃES e Bairro Latino - Académica.

denciado — uma derrota que deve considerar-se imerecida.

Após uma primeira parte em branco (durante a qual os melhores ensejos de golo foram pertença dos auri-negros), o resultado veio a construir-se no segundo meio-tempo: os minhotos, aos 54 m., num livre directo cobrado por PEDROTO, abriram o activo, mas, logo na jogada de reatamento, sob centro de Manecas, KEITA repôs a igualdade. Mais adiante, aos 70 m., na sequência de lance pessoal de Mané, JEREMIAS, num pontapé traiçoeiro para Padrão, garantiu o triunfo do Vitória.

Em desvantagem, o Beira-Mar passou à ofensiva, de modo deliberado, tendo criado diversos ensejos para estabelecer de novo o empate. No entanto, e por evidente **mala-pata** na finalização, não logrou os seus intentos, e o desfecho negativo não se alterou.

O Arbitro — estreante na I Divisão — teve actuação muito meritória, num jogo que, de resto, não ofereceu dificuldades.

Aveiro nos Nacionais

III DIVISÃO

Resultados da 5.ª jornada

SÉRIE «B»

Leça - Lamego	1-1
SANJOANENSE - Freamunde	3-0
Vilanovense - Valonguense	2-0
Leverense - Avintes	2-2
AVANCA - Infesta	1-1
VALECAMBRENSE - BUSTELO	2-0
Régua - PAÇOS DE BRANDÃO	2-0
Amarante - OLIVEIRENSE	1-0

SÉRIE «C»

Quiaios - Acurede	4-0
Febres - Vilanovenses	0-3
Mangualde - Molelos	4-1
Viseu Benfica - ANADIA	3-0
Tondela - Alcains	2-1
Gouveia - Naval	0-0
Guarda - Ançã	1-1
Vildemoinhos - Tocha	4-0

Classificações

SÉRIE «B» — Amarante, 9 pontos. OLIVEIRENNSE, SANJOANENSE e AVANCA, 7. Infesta e Freamunde, 6. Valonguense e Lamego, 5. Avintes, Leverense, VALECAMBRENSE, Leça, PAÇOS DE BRANDÃO, Vilanovense e Régua, 4. BUSTELO, 0.

SÉRIE «C» — Mangualde, 8 pontos. Viseu Benfica, Quiaios e Naval, 7. Lusitano de Vildemoinhos e Guarda, 6. Gouveia, Tondela e Ançã, 5. ANADIA, Tocha, Vilanovenses e Acurede, 4. Molelos e Alcains, 3. Febres, 2.

Próxima jornada

(jogos das equipas aveirenses)

Valonguense - SANJOANENSE
BUSTELO - AVANCA
P. BRANDÃO - VALECAMBRENSE
OLIVEIRENSE - Régua
ANADIA - Mangualde

Sumário Distrital

Arrifanense - Anadia	1-1
Cucujães - Sanjoanense	0-2
Estarreja - Feirense	0-7
Valecambrense - Paços Brandão	2-0

Classificação

Anadia, 8 pontos. Feirense, Sanjoanense, Paços de Brandão, Ovarense e Lusitânia, 7. Nogueirense e Valecambrense, 6. Espinho, 4. Arrifanense, Cucujães e Estarreja, 3.

As turmas do Arrifanense e do Espinho continuam com menos um jogo que as restantes equipas.

Próxima jornada (domingo)

Espinho - Valecambrense
Ovarense - Lusitânia
Anadia - Nogueirense
Sanjoanense - Arrifanense
Feirense - Cucujães
Paços Brandão - Estarreja

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 11 DO «TOTOBOLA»

5 de Novembro de 1978

1 — Famalicão - Beira-Mar	X
2 — Estoril - Ac. Viseu	1
3 — Guimarães - Barreirense	1
4 — Sporting - Porto	1
5 — Boavista - Benfica	2
6 — Varzim - Braga	X
7 — Académico - Belenenses	X
8 — Setúbal - Marítimo	1
9 — Desp. Aves — Salgueiros	1
10 — Penafiel - Riopele	1
11 — Peniche - Águeda	1
12 — Alba - U. Leiria	2
13 — Seixal - Montijo	X

Basquetebol

ESGUEIRA (61) — Valente (10-8), Costa (2-4), Isidro (6-4), Vítor Melo, João Jaime (4-18), José Ângelo (0-5), Tavares, Castro e Silva.

BEIRA-MAR (56) — Albano (8-0), Gamelas (3-4), Sarmento (5-8), Tó-Melo (10-8), Horácio (10-0), Nelson e Luís Melo.

Árbitros — António Rosa Novo e Carlos Amaral.

1.ª parte: 22-36. 2.ª parte: 39-20.

SENIORES — FEMININOS

Por desistência da turma da Sanjoanense, o número de concorrentes ficou reduzido a três (Esgueira, Galitos e Sangalhos), apurando-se, na ronda inaugural, este desfecho:

ESGUEIRA - GALITOS . . . 49-50

No domingo, pelas 17 horas, a contar para a segunda jornada, defrontam-se SANGALHOS - ESGUEIRA.

JUNIORES — FEMININOS

Resultadoda 4.ª jornada

GALITOS - SANGALHOS . . . 36-35

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Esgueira	2	2	0	91-52	6
Galitos	2	1	1	60-91	4
Sangalhos	2	0	2	63-71	2

JUVENIS

Resultados da 4.ª jornada

SÉRIE «A»

ILLIABUM-A - GALITOS-A	48-47
SANJOANENSE - A.R.C.A.	40-36

SÉRIE «B»

SANGALHOS - ILLIABUM-B	130-26
GALITOS-B - BEIRA-MAR	27-108

Classificações

Séérie «A»

	J	V	D	Bolas	P
Illiabum-A	4	4	0	266-138	12
Galitos-A	3	2	1	197-110	7
Sanjoanense	3	2	1	156-148	7
A.R.C.A.	3	0	3	125-165	3
Ovarense	3	0	3	68-231	3

Série «B»

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	4	4	0	339-162	12
Beira-Mar	3	2	1	258-102	7
Esgueira	3	2	1	197-146	7
Galitos-B	3	0	3	100-245	3
Illiabum-B	3	0	3	70-309	3

Próxima jornada (domingo, de manhã)

GALITOS-A - SANJOANENSE
A.R.C.A. - OVARENSE
ILLIABUM-B - GALITOS-B
BEIRA-MAR - ESGUEIRA

Taça dos Vencedores da Taça

ras e será transmitido, em directo, pela televisão — mas prevê-se que o recinto dos bairradinos registe grande afluência de espectadores, pelo interesse que a presença dos credenciados basquetebolistas austríacos está a despertar.

Para dirigir o jogo foi nomeada a dupla constituída pelos árbitros César Buelens (da Bélgica) e Colin Gerard (da Inglaterra).

Aguarda-se que o Sangalhos embora não se apresente na sua máxima força e venha a acusar falta de rodagem (por carência de jogos a série em número desejável...) — dê boa réplica, a réplica condigna que está ao alcance dos seus jogadores.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

AVISO

A Câmara Municipal de Aveiro faz público que deliberou pôr em arrematação os seguintes lotes de terreno, destinados a construção:

a) Lote n.º 3, com a área de 595 m², sito na Avenida 25 de Abril;

b) Lotes n.os 1, 2 e 3, do Sector D, com as áreas de 330, 390 e 210 m², respectivamente, sitos na Zona a Poente da Avenida 25 de Abril.

Para todos os lotes foi fixada a base de licitação de 800$00 por cada m² de pavimento de construção, sendo de 50$00 os respectivos lanços.

A praça realizar-se-á no dia 2 de Novembro, próximo, pelas 21,30 horas, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal.

As condições de arrematação encontram-se patentes na Secretaria e nos Serviços de Urbanização e Obras do Município, onde poderão ser consultadas dentro das horas de expediente.

Paços do Concelho de Aveiro, 15 de Outubro de 1978.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
a) *José Girão Pereira*

Viagens Turísticas

Aveiro - Lisboa - Aveiro
Aveiro - Algarve - Aveiro

AUTOPULLMAN DE LUXO — Todos os dias exc. Domingos

AVEIRO P. 07,30 | LISBOA P. 17,30 a)
LISBOA C. 12,15 | AVEIRO C. 22.15

a) Aos Sábados a partida de Lisboa é antecipada para as 14,30 horas, com chegada a Aveiro às 19.15.

PEÇA PROGRAMA ESPECIAL COM ESTADIA EM LISBOA DE UM FIM-DE-SEMANA OU UMA SEMANA.

Informações e Inscrições: **CONCORDE** AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

AVEIRO: CONCORDE — Viagens e Turismo
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Telefs. 28228/9
COSTA & IRMÃO, LDA.
R. Gustavo F. Pinto Basto, 47 — Telfs. 22940-28315

ÍLHAVO: CONCORDE — Viagens e Turismo
Praça da Repúblcia, 5 — Telefones 22433 - 25620

PORTOMAR - MIRA: CONCORDE — Viagens e Turismo
Rua Combat. da Grande Guerra — Telefone 45127

LISBOA: AGÊNCIA TURISMO MOÇAMBIQUE
Av. António Augusto Aguiar, 9-B — Telef. 535813
(Perto Marquês do Pombal)

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

aleluia

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

JOAQUIM PEIXINHO
ADVOGADO
Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — Sala 4
Telefone 25206
AVEIRO

J. CÂNDIDO VAZ
MÉDICO - ESPECIALISTA
DOENÇAS DE SENHORAS
Consultas às 2.as, 4.as e 6.as a partir das 16 horas
(com hora marcada)
Avenida Dr. Lourenço Peixinho 81 - 1.º Esq. Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788
Residência — Telefone: 22856

SEISDEDOS MACHADO
ADVOGADO
Travessa do Governo Civil, 4.º-1.º-Esq.º
AVEIRO

JOSÉ CARLOS F. LEITÃO
MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças de Ossos e Articulações
Consultório:
Rua 19, n.º 192 - 3.º
Telefone n.º 921841
ESPINHO
Marcações de consultas das 18 às 20 horas.

Reparações ● Acessórios
RÁDIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preços
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B
Telef. 22359
AVEIRO

J. RODRIGUES PÓVOA
Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL
No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.
Telefone 23375
A partir das 13 horas com hora marcada
Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-8.º — Telefone 22750
EM ÍLHAVO
no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas
Em Estarreja - No Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

---

AVENTINO DIAS PEREIRA
ADVOGADO
Rua do Capitão Pizarro, n.º 78, r/c.
Telefone 27381 — AVEIRO

VENDE-SE
ANDAR, 4 assoalhadas, cozinha e casa-de-banho.
Rua Dr. Alberto Soares Machado, 87 — Telefone 23569 ou 24993 — Aveiro.

OFICINA DE PINTURA
DE
FRIGORÍFICOS
MAQUINAS DE LAVAR
etc.
em Mataduços
Telefone n.º 27814

EM QUALQUER ÉPOCA
GALERIA
ICONE
de Mário Mateus

Faça as suas compras na Rua do Gravito, 51 — AVEIRO
(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)
Casa especializada em:
BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS
MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES
PAPÉIS
ALCATIFAS
LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS
Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

---

MAYA SECO
MÉDICO - ESPECIALISTA
PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS
Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c AVEIRO

INSTITUT FRANÇAIS
CENTRE EXTÉRIEUR : AVEIRO
Tel. 22958 (12 às 14 horas)
CURSOS DO 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º E 6.º ANOS
Informações e Inscrições: Rua José Estêvão, 30 - 1.º

AMORIM FIGUEIREDO
MÉDICO - ESPECIALISTA
OSSOS E ARTICULAÇÕES
participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em
AVEIRO
(Telefone 24355)
Consultas:
2.as, 4.as e 6.as — 10 horas
Residência:
Telef. 22660

A. FARIA GOMES
MÉDICO - ESPECIALISTA
ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO
Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.
R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

DANIEL FERRÃO
MÉDICO
Interno dos Hospitais da Universidade de Coimbra
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Rua Guilherme Gomes Fernandes, 97-1.º
Telefs: Consultório 24372
Residência 27421
AVEIRO
Consultas todos os dias úteis a partir das 17 horas.

Externato Fernão d'Oliveira
CICLO PREPARATÓRIO, CURSOS GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS EM REGIME INTENSIVO.
Informações e inscrições: Rua de Coimbra, n.º 21
Telef. 23390 — AVEIRO.

Reclangol
Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores
Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO
Telefone 25023

DAR SANGUE É UM DEVER

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que no dia 17 do próximo mês de Novembro, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de Execução de Sentença, n.º 77/76-A, que corre seus termos pela 2.ª Secção do 2.º Juizo, movida por António Maria da Silva, contra os executados Jacinto da Silva Dias e mulher Lilia Martins Sequeira da Silva Dias, ele empregado comercial ela doméstica, residentes na Rua Dr. Mário Sacramento, n.º 12-7.º — Aveiro, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, diversos móveis de casa de habitação: um frigorífico, uma mobília de sala de jantar e um televisor.

Aveiro, 9 de Outubro de 1978.

O JUIZ

a) *José Alexandre de Lucena e Vale*

Pel'O ESCRIVÃO

a) *Domingos Manuel Vilas Boas dos Santos*

LITORAL - Aveiro, 27/10/78 — N.º 1221

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se asber que, no dia 7 de Novembro próximo, às 11 horas, neste Tribunal, e na Execução de Sentença que a firma Marujo & C.ª, Lda., de Aveiro, move contra ROSA PEREIRA SIMÕES, solteira, maior, comerciante, de Sarrazola, Cacia, hão-de ser postos em segunda praça e para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima de metade do valor indicado no processo, uma máquina de costura, uma máquina de tricotar, várias fazendas, louças e estantes.

Aveiro, 22 de Julho de 1978.

O JUIZ DE DIREITO DO 1.º JUIZO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO DA 2.ª SECÇÃO,

a) *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 27/10/78 — N.º 1221

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 7.ª jornada

Estoril - Famalicão	0-0
V. Guimarães - BEIRA-MAR	2-1
Sporting - Ac.º Viseu	2-0
Boavista - Barreirense	0-3
Varzim - Porto	0-0
Ac.º Coimbra - Benfica	0-2
Marítimo - Braga	1-1
V. Setúbal - Belenenses	2-3

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Porto	7	5	1	1	13-4	11
Sporting	7	5	1	1	13-5	11
Braga	7	4	1	2	11-7	9
Varzim	7	3	3	1	11-7	9
Benfica	7	4	0	3	9-5	8
Barreirense	7	4	0	3	10-6	8
V. Guimarães	7	4	0	3	13-9	8
Belenenses	7	4	0	3	14-12	8
Famalicão	7	2	3	2	4-7	7
Boavista	7	3	0	4	8-9	6
Ac.º Coimbra	7	2	2	3	5-7	6
Marítimo	7	2	1	4	8-11	5
Estoril	7	1	3	3	6-10	5
V. Setúbal	7	2	0	5	7-13	4
Ac.º Viseu	7	2	0	5	3-13	4
BEIRA-MAR	7	1	1	5	7-17	3

Próxima jornada

Sábado — à tarde
Benfica - Varzim

Domingo — à tarde
Famalicão - V. Setúbal
BEIRA-MAR - Estoril
Ac.º Viseu - V. Guimarães
Barreirense - Sporting
Porto - Boavista
Braga - Ac.º Coimbra (*)
Belenenses - Marítimo

(*) — A transmitir em directo pela televisão

DERROTA IMERECIDA...

V. Guimarães, 2 Beira-Mar, 1

Jogo no Estádio Municipal de Guimarães, sob arbitragem do sr. Vitor Correia, coadjuvado pelos srs. João Vinagre (bancada) e Pinto Beja (peão) — equipa da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos apresentaram-se assim constituídos:

VIT. GUIMARÃES — Melo; Ramalho, Manaca, Soares e Alfredo; Vicente (Mundinho, aos 35 m.), Pedroto (Mané, aos 65 m.) e Almiro; Abreu, Jeremias e Dinho.

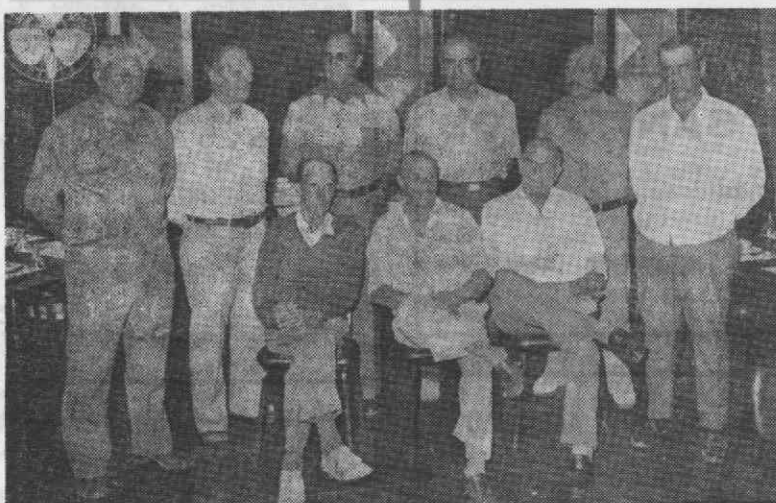
BEIRA-MAR — Padrão; Manecas, Quaresma, Lima e Soares; Sabú, Vala (Camegim, aos 74 m.) e Sousa; Niromar, Garcês (Veloso, aos 63 m.) e Keita.

Suplentes não utilizados: Rodrigues, Torres e Abreu II — nos vimaranenses; e Rola, Leonel e Cambraia — nos aveirenses.

Acção disciplinar — Cartão «amarelo» ao brasileiro Dinho, por discutir determinada decisão do árbitro.

—x—

Dando boa conta de si, produzindo actuação com sinal fortemente positivo, os beiramarenses sofreram no recinto de adversário bem cre-

Continua na página 8

TRINTA ANOS VOLVIDOS...

"Olímpicos" do Galitos voltaram a remar

Três décadas separam as duas fotos reproduzidas nas gravuras que ilustram o presente texto. Em cima, em 1948, em Londres, os remadores do Clube dos Galitos que representaram Portugal nos Jogos Olímpicos: Ricardo da Benta, José da Naia Machado, Carlos da Benta, João Alberto Lemos, João Dias de Sousa, Carlos do Roque, Albino Simões Neto e Felisberto Fortes (de pé), Manuel Matos, Luís da Naia Machado e o treinador António Pinheiro (à frente). Em baixo, o mesmo grupo, no decurso da confraternização que levaram a efeito, no passado dia 14, em Aveiro, no Restaurante Galo d'Ouro: um grupo desfalcado de duas unidades — o saudoso António Pinheiro, já há anos desaparecido do convívio dos vivos; e Manuel Matos, ausente em Moçambique e impossibilitado, por motivos profissionais, de se deslocar à sua terra natal.

As «Olimpíadas» de Londres tinham sido disputadas em Agosto de 1948; e, em Barcelona, em 12 de Outubro do mesmo ano, nos Campeonatos Ibéricos, os remadores do Clube dos Galitos, tendo a seu cargo a honrosa representação de Portugal, triunfaram nas regatas de «shell» de 8 e «shell» de 4. Foi justamente para rememorarem estas efemérides — marco histórico na vida da prestigiosa colectividade aveirense e do Desporto de Aveiro — que os «velhos» e valorosos remadores de

Continua na página 8

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 5.ª jornada

ZONA NORTE

Chaves - Aves	3-0
Aliados - Salgueiros	2-1
ESPINHO - Leixões	4-3
Rio Ave - Gil Vicente	0-2
Vianense - Paredes	1-1
Paços Ferreira - LUSITANIA	5-1
Riopele - Tadim	3-1
Penafiel - Fafe	1-0

ZONA CENTRO

U. Santarém - Marinhense	3-0
Peniche - Portalegrense	0-0
LAMAS - U. Coimbra	2-1
OLIV. BAIRRO - RECREIO	1-0
U. Tomar - Covilhã	2-0
Estrela - FEIRENSE	1-1
U. Leiria - Caldas	3-0
ALBA - Torriense	0-2

Classificações

ZONA NORTE — Penafiel, 10 pontos. Paços de Ferreira, Riopele e ESPINHO, 7. Paredes, 6. Rio Ave, Salgueiros, Vianense, Chaves e LUSITANIA, 5. Gil Vicente e Desportivo das Aves, 4. Fafe e Aliados de Lordelo, 3. Leixões e Tadim, 2.

ZONA CENTRO — LAMAS, 10 pontos. União de Leiria, 9. OLIVEIRA DO BAIRRO, 7. Estrela de Portalegre, 6. Torriense, RECREIO DE ÁGUEDA, Peniche, União de Santarém e FEIRENSE, 5. Marinhense, União de Tomar e União de Coimbra, 4. ALBA, Portalegrense e Caldas, 3. Covilhã, 2.

Próxima jornada

(jogos das equipas aveirenses)

Gil Vicente - ESPINHO
LUSITANIA - Vianense
Marinhense - ALBA
RECREIO - LAMAS
Covilhã - OLIVEIRA DO BAIRRO

Continua na página 8

CAMPEONATOS DE AVEIRO
SENIORES

Resultados da 4.ª jornada

OVARENSE - SANGALHOS	63-66
GALITOS - SANJOANENSE	57-54
ESGUEIRA - BEIRA-MAR	61-56

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	4	4	0	319-209	12
Ovarense	4	3	1	265-237	10
Sanjoanense	4	2	2	244-213	8
Galitos	4	2	2	242-237	8
Esgueira	4	1	3	197-251	6
Beira-Mar	4	0	4	198-288	4

Próxima jornada (sábado — à noite)

SANJOANENSE - OVARENSE
SANGALHOS - ESGUEIRA
BEIRA-MAR - GALITOS

Equipas e marcadores

OVARENSE (63) — Azevedo (11-10), Fula, Esteves, Gaspar (4-2), Fernando Gomes, Sing (12-12), André, Saramago, Ambrósio (2-6) e Luís (2-2).

SANGALHOS (66) — Lobo (4-0), Quim (0-8), Raul (9-0), Jeremim (10-15), Araújo (1-4), José Manuel (8-7), Eugénio e Cancela.

Árbitros — Manuel Bastos e Francisco Ramos.

1.ª parte: 31-32. 2.ª parte: 32-34.

GALITOS (57) — Esgueirão (0-5), Jorge Guerra (2-2), Meno (9-5), Peixinho (8-9), Peres (5-0), Luís Miguel, Antunes (1-0), Chuva (2-9) e Manuel Guerra.

SANJOANENSE (54) — Margalho (2-4), Aguiar (2-2), Ribeiro, Santos (7-2), Cassiano (17-9), José António, Pereira (0-2), Olímpio, Ilídio (2-3) e Ferraz (2-0).

Árbitros — Narsindo Vagos e Raul Gonçalves.

1.ª parte: 27-32. 2.ª parte: 30-22.

Continua na página 8

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada

Pampilhosa - Cortegaça	2-3
Mealhada - Arrifanense	1-1
Cesarense - Fiães	2-0
Cucujães - S. João de Ver	0-0
S. Roque - Nogueirense	0-0
Milheiroense - Paivense	1-0
Esmoriz - Ovarense	3-2
Estarreja - Luso	0-0

Próxima jornada (domingo)

Cortegaça - Estarreja
Arrifanense - Pampilhosa
Fiães - Mealhada
S. João de Ver - Cesarense
Nogueirense - Cucujães
Paivense - S. Roque
Ovarense - Milheiroense
Luso - Esmoriz

JUVENIS — I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

Lusitânia - Espinho	2-2
Nogueirense - Ovarense	3-1

Continua na página 8

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 4.ª jornada

S. BERNARDO - Gaia	23-14
F.º d'Holanda - Desp. Póvoa	19-19
Porto - Vilanovense	36-13
Académico - Maia	19-20
Espinho - BEIRA-MAR	25-17
Padroense - Ac.ª S. Mamede	13-12

Mapa classificativo

	J	V	E	D	Bolas	P
Porto	4	4	0	0	120-66	12
Espinho	4	3	1	0	80-68	11
Padroense	4	3	0	1	67-61	10
S. BERNARDO	4	2	1	1	78-58	9
Académico	4	2	0	2	82-71	8
Maia	4	2	0	2	82-82	8
Desp. Póvoa	4	1	2	1	67-74	8
BEIRA-MAR	4	1	1	2	67-74	7
F.º d'Holanda	4	0	2	2	63-79	6
Gaia	4	0	2	2	54-68	6
Vilanovense	4	0	1	3	51-88	5
Ac.ª S. Mamede	4	0	1	3	53-75	5

Dentro do programado oportunamente pela Federação Portuguesa de Andebol, haverá, este fim-de-semana, jogos no sábado (à noite) e no domingo (de tarde), cumprindo-se duas jornadas, em que se integram os seguintes encontros:

5.ª jornada — Desportivo da Póvoa - S. BERNARDO, Gaia - Porto, Maia - Francisco d'Holanda - Vilanovense - Espinho, Académica de S. Mamede - Académico e BEIRA-MAR - Padroense.

6.ª jornada — S. BERNARDO - Porto, Desportivo da Póvoa - Maia, Espinho - Gaia, Francisco d'Holanda - Académica de S. Mamede, Padroense - Vilanovense e Académico - BEIRA-MAR.

S. Bernardo, 23 Gaia, 14

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo, sob arbitragem dos srs. Políbio Pereira e António Ribeiro, da Comissão Distrital de Coimbra.

Alinharam e marcaram:

S. Bernardo — Chinca (Amável), Mário Garcia (11), Marinho (1), Alex (1), Vieira (3), Élio (2), Helder (5), Beleza, Branco, Armindo e Ulisses.

Gaia — Baptista (Braga), Chico, Aurélio, Godinho (3), Madureira, Lobo (8), Doutel (1), Pinho, Costa (1), Leite e Lourenço (1).

1.ª parte: 12-5. **2.ª parte:** 11-9.

Partida de nítida supremacia do S. Bernardo (que jogou desfalcado de Heber, que se casou recentemente, e não utilizou o concurso de Ulisses, adoentado) — que os gaienses, não obstante a sua réplica esforçada, jamais lograram contrariar com êxito.

De anotar que os visitantes conseguiram, por intermédio de Lobo, seis golos de **penalty** — tendo desaproveitado ainda outros três (Chinca defendeu remates de Godinho e Lo... ... enviado uma

BASQUETEBOL - TAÇA dos VENCEDORES das TAÇAS

AUSTRÍACOS EM SANGALHOS

A contar para a primeira «mão» da eliminatória inaugural da «Taça» dos Vencedores das Taças», defrontam-se, no Pavilhão da Bairrada, em Sangalhos, na próxima quarta-feira (1 de Novembro), as turmas que representam, naquela competição europeia, a Áustria (UBSC Shopping Centre Sud, de Viena) e Portugal (Sangalhos Desporto Clube).

O encontro terá início às 18.30 ho-

Continua na página 8

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

ANO XXV — N.º 1221
AVEIRO, 27-OUTUBRO-78